



**RATIO - FACULDADE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA  
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

**ALDERLI LEMOS VIEIRA**

**RELATOS E VIVÊNCIAS DOS USUÁRIOS DO CENTRO POP, DO BAIRRO  
BENFICA EM FORTALEZA**

**FORTALEZA – CE  
2017**

ALDERLI LEMOS VIEIRA

**RELATOS E VIVÊNCIAS DOS USUÁRIOS DO CENTRO POP, DO BAIRRO  
CENTRO DE FORTALEZA**

Monografia submetida à aprovação do Curso de Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador (a): Prof. (a) Ms. Virzângela Paula Sandy Mendes.

FORTALEZA – CE  
2017

ALDERLI LEMOS VIEIRA

**RELATOS E VIVÊNCIAS DOS USUÁRIOS DO CENTRO POP, DO BAIRRO  
BENFICA EM FORTALEZA**

Monografia como pré-requisito para obtenção do título de Bacharelado em Serviço Social, outorgado pela Faculdade Teológica Ratio, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos professores.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Virzângela Paula Sandy Mendes  
(Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Rosa Ângela Brito Falcão

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Marcela Barroso Maciel

Fortaleza – Ce em, \_\_\_\_ de junho de 2017

## DEDICATÓRIA

Dedico a todas as pessoas que vivem em situação de rua.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado condições de chegar até aqui, pois foi por Ele que consegui forças para seguir. Sempre que pensei em desistir, lembrei que em Deus sou mais que vencedora! Porque Dele, e por Ele, para Ele (DEUS) são todas as coisas. Não foi fácil chegar até aqui. Foram quatro anos de aprendizado e dedicação e, nesse período, houve momentos difíceis e de dificuldades. Cheguei até a pensar em desistir, mas com força e determinação segui adiante e, enfim, venci! Obrigada, Deus por tudo!

Ao meu esposo Pedro, que sempre me deu apoio todas as vezes que precisei, pelas vezes em que dividi com ele minha angústia e ele não permitiu que eu desistisse em nenhum momento. Sou grata a ele por todo amor e dedicação. Ao meu filho Filipe, que também me apoiou no que precisei. Agradeço pelo filho que és e por sua dedicação. Agradeço à minha mãe Margarida, de quem várias vezes tive de abrir mão para realizar as pesquisas em campo, e ela sempre perguntava se eu estava perto de terminar. Muito obrigada, mãe, por entender minha ausência quando foi preciso. À minha família pela torcida em dividir este momento com vocês, e saber que tenho pessoas que torcem, o que me fortalece ainda mais.

Agradeço à faculdade Ratio e a todos os professores que contribuíram com minha formação. Sou eternamente grata a todos meus mestres queridos de coração. Agradeço à minha orientadora querida, Ms. Virsangela Sandy, pelo empenho e dedicação na construção deste trabalho e ainda por ser essa mulher guerreira e lutadora na qual me espelho muito. Sou grata por você ser tão dedicada aos seus alunos, mesmo com tantas tarefas e trabalhos, por conseguir administrar seu tempo direitinho. Agradeço pelas palavras de conforto sempre que pensei em desistir, pois seu incentivo me ajudou a seguir em frente. Agradeço à Ms. Rosa Ângela, por também contribuir com este trabalho desde o TCC I e, ainda, por participar da minha banca, uma honra para mim. Agradeço também à professora Marcela, por participar da minha banca. Muito obrigada!

Agradeço à Assistente Social Andrea Araújo, por ter me recebido como estagiária e por toda paciência que teve em dividir seu conhecimento com suas estagiárias, por sua dedicação, enfim, muito obrigada! À minha companheira de estágio, Aline, pois juntas compartilhamos experiências.

Agradeço às minhas colegas da turma 311/312, que sempre foi uma turma numerosa, e guardarei a lembrança de cada um de vocês. Em especial agradeço às minhas amigas de trabalhos, estudos, seminários: Karla, Evânia, Karol, Ana Paula, Marcia Cristina, Roberta, Elaine, Vania. Vocês ficarão sempre em meu coração.

Agradeço a todos os profissionais do Centro Pop Benfica, onde realizei a pesquisa, em especial aos que participaram das entrevistas, e aos usuários que participaram das entrevistas e, até mesmo, aqueles com quem pude conversar e conhecer um pouco de suas histórias. Vocês foram fundamentais na construção deste estudo.

## RESUMO

Levando em conta o número crescente de pessoas vivendo em Situação de Rua em Fortaleza, como expressão da questão social, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender os motivos que levaram as pessoas a estarem em situação de rua, com base nos dados dos sujeitos atendidos no Centro Pop. Além disso, busca conhecer como funciona a rede de proteção do Estado para pessoas em situação de rua e, ainda, também conhecer o trabalho desenvolvido pela equipe multiprofissional do Centro Pop do bairro Benfica, em Fortaleza, para uma melhor compreensão do trabalho realizado na política de assistência social e das políticas públicas. Tem ainda em vista identificar nos sujeitos em situação de rua as expectativas pessoais para o futuro. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, o que permitiu ao pesquisador uma clara compreensão do objeto investigado. Também foi realizada uma pesquisa de campo e, como instrumento de coleta de dados, foi aplicada uma entrevista semiestruturada, com 10 perguntas aos usuários da instituição, sendo 4 homens e 4 mulheres. Também foram entrevistados os profissionais da equipe multiprofissional, um de cada função, através de um questionário com 8 perguntas, todas abertas. Com os resultados, foi possível compreender que os motivos que levaram os sujeitos a viver nas ruas foram as desavenças familiares, pois o rompimento dos vínculos foi citado pela maioria dos entrevistados, seguido pelo uso de drogas e acompanhado pelo desemprego. Ainda foi possível conhecer as políticas voltadas para esse público, sabendo que o estado disponibiliza um conjunto de ações voltadas a ele. Foi também possível conhecer o trabalho da equipe multiprofissional do Centro Pop, a partir das narrativas dos profissionais sobre suas experiências e dificuldades encontradas no cotidiano do seu trabalho. Finalmente, compreendeu-se quais as perspectivas pessoais que norteiam os sujeitos da pesquisa, tendo em vista os seus sonhos para o futuro.

**Palavras-Chave:** Exclusão Social. Pessoas em Situação de Rua. Políticas Públicas.

## ABSTRACT

Taking into account the growing number of people living in the street in Fortaleza, as an expression of the social issue, this survey had as a general objective to understand the motives that led people to be in a street situation, based on the data of the subjects attended in the pop center. Moreover, it seeks to know how the network of protection of the State for people in the street and still also know the work developed by the Multiprofessional team of the pop center of the neighborhood Benfica in Fortaleza, for a better understanding of the work carried out in the policy of social assistance and public policy. There is still a view to identifying the people's personal expectations for the future. It is a qualitative nature survey, which allowed the researcher a clear understanding of the object investigated. A field survey was also conducted and, as a data collection instrument, a middle-structured interview was applied, with 10 questions to the users of the institution, being 4 men and 4 women. We also interviewed the professionals of the Multiprofessional team, one of each function, through a questionnaire with 8 questions, all open. With the results, it was possible to understand that the motives that led the subjects to live in the streets were the family feuds, because the breakup of the bonds was cited by most respondents, followed by the use of drugs and accompanied by unemployment. It was still possible to know the policies facing this public, knowing that the State provides a set of actions that are focused on it. It was also possible to know the work of the Multiprofessional team of the pop center, from the narratives of professionals about their experiences and difficulties encountered in the everyday life of their work. Finally, it was understood that the personal perspectives that guide the research subjects, with a view to their dreams for the future.

**Keywords:** Social Exclusion. People In The Street. Public Policy.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**Cad-único** – Cadastro Único

**CREAS-POP** – Centro de Referência Especializado de Assistência Social para a População em Situação de Rua

**CAPR** – Centro de Referência da População em Situação de Rua

**CNAS** – Conselho Nacional de Assistência Social

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**LOAS** – Lei Orgânica da Assistência Social

**MDS** – Ministério do Desenvolvimento Social

**MNPR** – Movimento Nacional População em Situação de Rua

**MPAS** – Ministério da Previdência e Assistência Social

**PMAPR** – Política Municipal de Atenção à População em Situação de Rua

**PSR** – População em Situação de Rua

**SEMAS** – Secretaria Municipal de Assistência Social

**SETRA** – Secretaria Municipal do Trabalho e Desenvolvimento Social e Combate à Fome

**SNAS** – Secretaria Nacional de Assistência Social

**SUAS** – Sistema Único de Assistência Social

**STDS** – Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social

**PNAS** – Política Nacional de Assistência Social

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. APRESENTANDO O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	20
2.1 A definição do objeto .....	20
2.2 A inserção em campo e os sujeitos .....	22
<b>3. O PROBLEMA DA EXCLUSÃO SOCIAL E A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA; CONCEITOS E POLÍTICAS PÚBLICAS</b> .....	25
3.1 A exclusão social e a população em situação de rua .....	25
3.2 A rede de proteção do estado na política de assistência social para pessoas em situação de rua .....	29
3.3 Algumas considerações da equipe multiprofissional do Centro Pop do Bairro Benfica em Fortaleza .....	36
<b>4. AS NARRATIVAS DOS USUÁRIOS DO CENTRO POP SOBRE A VIDA NAS RUAS</b> .....	43
4.1 “Viver nas ruas não é bom”: A chegada e a vida nas ruas de Fortaleza.....	43
4.2 “A rua ensina a viver”: relatos sobre a vida nas ruas de Fortaleza .....	48
4.3 “Eu quero ser feliz com meu filho feliz”: o que esperar do futuro?.....	51
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55
<b>APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista (Profissionais do Centro Pop)</b> .....	58
<b>APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista (Usuários do Centro Pop)</b> .....	59
<b>ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)</b> .....	60
<b>ANEXO B – Ofício Para Entrada Em Campo</b> .....	61

## 1. INTRODUÇÃO

O Município de Fortaleza possui, atualmente, 2,5 milhões de habitantes, e segue como a quinta cidade mais populosa do Brasil. O Ceará é o terceiro estado da região do nordeste, com cerca de 8.606.505 pessoas. A estimativa foi feita com base no Censo Demográfico 2010<sup>1</sup>, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Com esse crescimento populacional em Fortaleza, também vêm crescendo os problemas na cidade, como o fato das pessoas em situação de rua, pessoas que, por algum motivo, abandonaram seus lares para viver nas ruas.

De acordo com a pesquisa nacional para população em situação de rua, os sujeitos da pesquisa são compostos em grande parte por trabalhadores. 70,9% exerce alguma atividade remunerada (catador de material reciclável, flanelinha, construção civil, limpeza, carregador, dentre outros); 15,7% pedem dinheiro como principal meio para a sobrevivência; a maioria (58,6%) tem alguma profissão (destacam-se aquelas relacionadas à construção civil, ao comércio, ao trabalho doméstico e a mecânica); 74% dos entrevistados sabem ler e escrever; 17,1% não sabem escrever e 8,3% apenas assinam o próprio nome. Os dados apresentados criaram a necessidade de uma política específica para a população em situação de rua. E para Gomes, Faloso, e Lima, “os dados reforçam ainda a ideia de que a situação de rua é tão complexa que somente a política de Assistência Social não dá conta das demandas apresentadas por este segmento”. Nessa lógica as autoras reforçam a necessidade do envolvimento das outras políticas para um trabalho em conjunto.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA, 2015, estima-se que há cerca de 101.854 pessoas em situação de rua no país. No estado do Ceará, segundo a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS), existem 2.254 pessoas em situação de rua. Em Fortaleza, a estimativa é de 1.701 pessoas vivendo nas ruas da cidade. De acordo com a Secretaria Municipal do Trabalho e Desenvolvimento Social e Combate à Fome SETRA, a população em situação de rua já pode ser inserida nos programas sociais, através do cadastro único, onde é possível fazer um cadastro e participar de vários benefícios sociais, como bolsa família, minha casa minha vida, benefício de prestação continuada BPC e aluguel

---

<sup>1</sup> O censo 2010 compreende um levantamento minucioso de todos os domicílios do país. Nos meses de coleta de dados e supervisão, 191 mil recenseadores visitaram 67,6 milhões de domicílios nos 5.565 municípios brasileiros para colher informações sobre quem somos, quanto somos, onde estamos e como vivemos. O censo 2010 é um retrato de corpo inteiro do país com o perfil da população e as características de seus domicílios. Fonte: ver em instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE.

social, desde que se encaixe no perfil de cada benefício. Além disso, pode também buscar os serviços oferecidos pelo Centro Pop.

Apesar de existirem políticas para a população em situação de rua, são insuficientes e fragmentadas e não dão conta a todo o complexo da população em situação de rua. O fato de estarem na rua, muitos deles não tem a documentação, o que dificulta o acesso às políticas públicas. O uso de drogas dificulta à busca dos sujeitos em situação de rua as políticas disponibilizadas a eles. E ocorre que, muitos não se dão conta de que, aos poucos, estão perdendo sua identidade.

Em Fortaleza, a execução dessas políticas em especial a Assistência Social, é através da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Estado STDS e da Secretaria Municipal do Trabalho e Desenvolvimento Social e Combate à Fome, SETRA, que se responsabilizam pela coleta de dados e fiscalização dos benefícios, bem como pelos postos de atendimentos onde a população pode acessar os serviços oferecidos por essas instituições (Casa de serviços de acolhimento, Centro Pop, etc.). Todas visando à garantia de direitos e à atenção aos indivíduos em vulnerabilidade social, garantido o acesso à assistência social a todos que dela precisem.

O poder público municipal passou a ter a tarefa de manter serviços e programas de atenção à população de rua, garantindo padrões básicos de dignidade e não violência na concretização de mínimos sociais e dos direitos de cidadania a esse segmento social. A autora Maria Lucia Silva nos mostra os fatores que expressam a questão social:

(...) pode-se dizer que o fenômeno população em situação de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos grandes centros urbanos, sendo que as pessoas por ele atingidas são estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade. É um fenômeno que tem características gerais, porém possui particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. No Brasil, essas particularidades são bem definidas. Há uma tendência à naturalização do fenômeno, que no país se faz acompanhada da quase inexistência de dados e informações científicas sobre o mesmo e da inexistência de políticas públicas para enfrentá-lo (Silva, 2006, p.95).

Silva nos mostra que a população em situação de rua tem características e particularidades, constituindo-se como uma forma de expressão da questão social e, por isso, há uma necessidade de um acompanhamento desses sujeitos, com um olhar direcionado a eles e a criação de políticas públicas que vão ao encontro da necessidade deles.

A assistência social não pode trabalhar sozinha na efetivação desses direitos, pois há que se preocupar também com a saúde, a educação e a habitação, políticas fundamentais no processo de reintegração desses sujeitos. Assim como as pessoas em situação de rua têm por direito constitucional serem consideradas cidadãs integrais, também as políticas públicas que as contemplam devem ser pensadas desde uma perspectiva interdisciplinar e integral, deslocando-se da Assistência Social a responsabilidade exclusiva pelo atendimento a esse segmento.

A Constituição Federal estabelece, em seu Artigo 5º, a igualdade de todos os cidadãos brasileiros perante a lei e a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. No artigo 6º, lê-se que “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

A Política Nacional para pessoas em situação de rua é o pilar de estabelecer diretrizes e rumos que possibilitem à reintegração dessas pessoas às suas redes familiares e comunitárias, o acesso pleno aos direitos garantidos aos cidadãos brasileiros, o acesso a oportunidades de desenvolvimento social pleno, considerando as relações e significados próprios produzidos pela vivência do espaço público da rua. Para tanto, vale-se do protagonismo de movimentos sociais formados por pessoas em situação de rua, entre outras ações que contribuam para a efetivação desse processo.

A população em situação de rua sofre com a exclusão social, a indiferença de ser vista como vagabunda e desordeira, como um problema para o Estado. As marcas da exclusão são visíveis em vários campos da cidade de Fortaleza, como viadutos, pontes, praças, prédios públicos, lugares para onde esses indivíduos vão em busca de refúgio, pois muitos deles têm família e um lar para morar, mas a dificuldade reside nos conflitos familiares, de modo que eles preferem viver nas ruas.

Nascimento (2000, p.65) afirma que “a exclusão social é um fenômeno de múltiplas dimensões, trazendo em si uma Dimensão histórica, uma dimensão geográfica, uma dimensão econômica, além de uma dimensão social e de representação social.” O autor refere-se à dimensão histórica, pois a exclusão social perpassou as sociedades antigas que se valiam da escravidão ou da servidão, à Europa da fase pré-moderna, fazendo-se presente nos tempos atuais. As pessoas em situação de rua fazem parte desse processo de exclusão social até os dias de hoje.

É nesse contexto que a população em situação de rua se consolida em busca de um apoio onde possa ter atendidas suas necessidades e, ao mesmo tempo, encontra-se fragilizada, por ter que retornar às ruas. Sem rumo, sem perspectivas, sem motivação pra viver uma vida digna de todo ser humano, sem um lar, uma família e seus vínculos familiares mantidos, sentem-se vítimas da exclusão social.

**Este estudo visa responder à seguinte pergunta:** como os sujeitos atendidos pelo Centro Pop do Benfica, em Fortaleza, chegaram à situação de rua?

O objetivo geral deste estudo foi compreender os motivos que levaram as pessoas a estar em situação de rua, com base nos fatos dos sujeitos atendidos no Centro Pop. O mesmo estudo também busca conhecer como funciona a rede de proteção do Estado na política de assistência social para pessoas em situação de rua, bem como conhecer o trabalho desenvolvido pela equipe Multiprofissional do Centro Pop do Bairro Benfica, em Fortaleza, e identificar nos sujeitos em situação de rua as suas expectativas pessoais.

O tema abordado me despertou interesse desde uma oportunidade de trabalho na antiga SEMAS (Secretaria Municipal de Assistência Social), hoje atual SETRA (Secretaria Municipal do trabalho e Desenvolvimento Social e Combate à Fome), onde pude conhecer todo o sistema do cadastro único, acompanhar visitas com assistentes sociais, realizar pesquisa de campo, atender usuários, realizar entrevistas com os mesmos, digitar cadastros, etc. Com essa oportunidade de trabalhar na SETRA, aprendi muitas questões que não entendia antes, bem como participava de treinamentos oferecidos pela Secretaria e, até mesmo, das conferências que eram transmitidas ao vivo. Comecei a despertar o interesse em estudar Serviço Social e tive, cada vez, mais o interesse por essa profissão.

Em 2011, participei de um mutirão realizado para pessoas em situação de rua, e pude entrevistar os mesmos, compreendendo um pouco sobre essa realidade em que viviam. Na ocasião, ouvi vários relatos e motivos que os levaram às ruas. Um desses relatos foi o de um jovem, a quem chamarei de João, que se mostrava muito indignado com a sociedade, dizia que não trabalhava por falta de oportunidade, que já havia batido em várias portas em busca de um trabalho. No mesmo instante, João se alterou e disse: mas já tenho uma solução pra isso, vou comprar uma arma e fazer o que muitos estão fazendo, conseguir as coisas de uma forma mais fácil. Tentei acalmá-lo, falando de alguns projetos sociais do Governo, como Pronatec, Minha Casa, Minha Vida, Bolsa Família, nos quais ele poderia se encaixar.

Outro caso que me chamou atenção foi o relato de uma senhora, a quem chamarei de Maria. No momento em que a entrevistava, ela colocou sobre o birô um saco cheio de

camisinhas e disse: “Isso aqui é pra quando terminar o tratamento que estou fazendo, pois contraí doenças venéreas na rua, mas quando ficar boa, vou voltar a trabalhar de novo, vou tomar mais cuidado agora”.

Esse fato me despertou a atenção, por ela ter confessado de onde tirava o sustento para sua sobrevivência, o risco que corria nas ruas e o cuidado que não teve antes (mas já com uma preocupação em não repetir o mesmo erro). Ouvi com atenção, deixei os mesmos falarem e pude entender que a vida deles não era nada fácil e que também precisavam de ajuda. Orientei-os a procurar o Centro Pop e procurar a ajuda dos profissionais que lá havia. Maria não demonstrou nenhum interesse pela ajuda, e disse que não precisava, porque já estava certa de seus atos e que ninguém podia ajudá-la.

Por esse motivo, resolvi pesquisar para entender a realidade de outras pessoas que estão na mesma condição. Os relatos dos entrevistados no mutirão apresentavam vários motivos para a ida às ruas, como conflitos familiares, dentre os mais citados. Sempre reclamavam da família. Outro motivo era o uso de drogas, que não os deixava voltar para o lar; em seguida, vinha o desemprego, e não ter como manter um lar digno para a família. Essas questões têm me despertado interesse pela pesquisa, de modo que desejo compreender melhor o assunto abordado.

Sabe-se que a assistência social é um direito de todos e dever do Estado, em garantir saúde, educação, moradia e previdência social a todo cidadão brasileiro. A política de assistência pode ser acessada por todos os sujeitos de direitos, desde que dela precisem e, principalmente, os indivíduos que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social. Com essa temática, pode-se perceber que a população em situação de rua vive nessa condição de risco social, que suas fragilidades são agravantes e que essa questão não é apenas da assistência social, mas de toda a sociedade. Assim, nesta pesquisa pretendo compreender as políticas existentes para esse público-alvo e quais os projetos voltados para a população em situação de rua, bem como quais as expectativas que norteiam esses sujeitos.

Iniciei como acadêmica de serviço social, pela Faculdade Ratio em 2013, e no 6º semestre pude estagiar na Unidade de Acolhimento Dr. Silas Munguba, entre 2015 e 2016. Lá, pude ver vários casos de pacientes que viviam nas ruas de Fortaleza, e que foram até a unidade de acolhimento com a intenção de sair do vício das drogas e retornar para o convívio da família. Através das escutas individuais, pude acompanhar o trabalho profissional com os pacientes e familiares, momentos de muito aprendizado e satisfação.

Assim, este trabalho tem a importância de esclarecer algumas questões que norteiam a sociedade. Para mim, como pesquisadora, esta tem sido uma experiência incrível, por poder abordar um tema que reflete as expressões da questão social.

Para o detalhamento deste estudo, foi utilizada uma pesquisa de natureza qualitativa que, para Godoy (1995), é uma forma de abordagem que se tem firmado como possibilidade de investigação, surgindo no seio da antropologia e sociologia. Os estudos de pesquisa qualitativa diferem entre si quanto ao método, à forma e aos objetos.

O que me interessa neste estudo é compreender as percepções dos sujeitos em situação de rua e a situação em que eles se encontram, pois o desafio de viver nas ruas não é nada fácil. Com essa pesquisa, pretendo mostrar algumas questões que norteiam a sociedade e entender de fato o que leva tantas pessoas a viver nas ruas.

O primeiro passo da investigação ocorreu com uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (Gil, 2008, p. 50).

Segundo Gil (2010, p. 29), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, essa modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e canais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, essas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como: discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet, etc. Todo material pesquisado foi revisado e analisado quanto à sua veracidade. Para o autor, a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que podia pesquisar diretamente (GIL, 2010, p. 30).

As principais categorias que envolvem este estudo são: exclusão social, as pessoas em situação de rua e as políticas públicas. Sobre a primeira categoria, a exclusão social, Nascimento (2000, p. 65) afirma que é um fenômeno de múltiplas dimensões, trazendo em si uma dimensão histórica, uma dimensão geográfica e uma dimensão econômica, além de uma dimensão social e de representação social. Para o autor, a exclusão social envolve vários fatores, que já vêm desde a antiguidade, e os fatores geográfico, econômico e social revelam o reflexo da exclusão.

Nesse mesmo sentido, Castel faz uma análise sobre a questão social e suas transformações reúnem dois eixos principais de integração social: o mundo do trabalho e o mundo das relações sociofamiliares. Para o autor, a exclusão não é uma ausência de relação social, mas um conjunto de relações sociais particulares da sociedade tomada como um todo. Não há ninguém fora da sociedade, mas um conjunto de posições cujas relações com seu centro são mais ou menos distendidas (Castel, 2008, p. 568).

Na segunda categoria, quanto à população em situação de rua, Camila Giorgetti diz que “Delimitar as trajetórias (idas e vindas) é enfraquecer a ideia predominante (e pejorativa) de que se trata de pessoas de rua que não têm outra característica senão o fato de permanecer nas ruas da cidade” Giorgetti (2006, p. 20).

A autora destaca que a População em situação de rua perdeu suas referências ao se inserirem nessa condição. Giorgetti conhece bem esse público, pois já publicou livros que trazem essa temática da PSR. Um deles foi *Moradores de Rua, uma Questão Social?* Com esse livro, a autora levanta várias questões a serem discutidas pela sociedade e pelos agentes de direitos. Assim também como Maria Lúcia Silva entende bem essa temática da população em situação de rua, pois ela aponta vários fatores em sua dissertação de mestrado 2006 e em seu livro *Trabalho e População em Situação de Rua no Brasil*.

Nessa mesma dimensão, as políticas sociais se unem às questões mais fragilizadas, indo ao encontro da necessidade de cada área atingida pela desigualdade social, tentando suprir as necessidades fundamentais dos cidadãos. Com essas categorias, entenderemos o sentido deste estudo e como os autores discutem sobre o tema pesquisado.

Os autores que embasaram este estudo mostraram envolvimento com o tema e com os sujeitos da pesquisa, e trouxeram como base o real conhecimento sobre o assunto, sendo fundamentais na construção deste trabalho. Autores como Robert Castel, Camila Giorgetti e Maria Lucia Silva contribuíram com a construção deste estudo.

Também foi realizada uma pesquisa de campo, com observação não participante. Segundo Marconi e Lakatos, a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações ou conhecimento acerca de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos, ou as relações entre eles.

Para os autores, a pesquisa de campo:

Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorreu espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los (Marconi; Lakatos, 2010, p.169).

A presente pesquisa foi desenvolvida no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua, Centro Pop. A escolha da instituição se deu por essa ser especializada no atendimento aos sujeitos da pesquisa, no caso a população em situação de rua. O centro se encontra no bairro Benfica, o que facilitou o meu acesso à instituição e, atualmente, existem duas unidades do Centro Pop (contudo, a unidade do centro se encontrava fechada no período da pesquisa, sem previsão de abertura).

O Centro de Referências Especializado para População em Situação de Rua, Centro POP, é um espaço de referência para a pessoa em situação de rua. O serviço especializado de abordagem de rua vem atuando em toda a cidade de Fortaleza, fazendo o contato direto com as pessoas que estão em situação de rua. Nesses momentos, a equipe explica como funciona o Centro Pop. Eles também articulam, com outros serviços públicos, encaminhamentos para atender demandas emergenciais verificadas na abordagem social (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2016).

A instituição é um espaço de referência para que qualquer pessoa em situação de rua possa procurar serviços de acesso à documentação oficial, Cadastro Único para Programas Sociais, realizar higiene pessoal, alimentação, atividades socioeducativas e artísticas. Além disso, oferta atendimento especializado por profissionais que auxiliam na resolução das suas demandas. Atualmente, em Fortaleza, apenas a unidade do Centro Pop do Bairro Benfica, na Avenida da Universidade, 3215, está funcionando. A outra unidade, localizada no centro, na Rua Antônio Pompeu, 134, encontra-se fechada. Além do Centro Pop, também existem as unidades de acolhimento, outro serviço tipificado para atender a demanda dessa população, que a cada dia, só vem crescendo. O Centro Pop não dá conta da procura dos serviços apenas com uma unidade no momento.

Os serviços de acolhimento funcionam como moradia provisória. O Centro Pop, por sua vez, disponibiliza espaços para banho, para lavar roupas ou guardar pertences, funcionando como um ponto de apoio para as pessoas em situação de rua. Além disso, desenvolve diversas atividades, como oficinas e atendimentos em grupo e individual.

Os sujeitos da pesquisa são os usuários do Centro Pop, pessoas que estão com seus vínculos familiares rompidos e que, por várias questões, foram parar nas ruas de Fortaleza, em meio a muitos desafios e fragilidades. Vivem a vagar pelas ruas, em busca de refúgio, mesmo sem ter para onde ir. Encontram no centro um apoio momentâneo para que as suas necessidades pessoais sejam atendidas, ainda que apenas por algumas horas.

Além dos usuários do centro pop, também abordaremos os profissionais da instituição como sujeitos deste estudo, a partir de seus relatos sobre o trabalho desenvolvido por eles dentro da instituição. O instrumento de coleta de dados é uma entrevista semiestruturada que, para Minayo, é uma conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes a um objeto de pesquisa (MINAYO, 1993, p. 17). Na entrevista, usaremos um roteiro previamente definido com as questões necessárias para este estudo.

Na ocasião da entrevista, foi utilizado um termo de consentimento de acordo com a resolução 466/12, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - documento no qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante e/ou de seu responsável legal, de forma escrita, devendo conter todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa da qual se propõe a participar. A oticidade da pesquisa implica: respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida. Desse modo, usaremos o anonimato dos participantes da pesquisa, usando nomes fictícios, com intuito de preservar a identidade dos participantes, respeitando, assim, os critérios éticos. Além disso, serão também preservadas as identidades dos profissionais que participaram das entrevistas.

Finalizo esta introdução apresentando os capítulos seguintes. Para uma melhor compreensão deste estudo, ele está dividido em três capítulos: no primeiro, apresentamos o percurso metodológico, destacando a aproximação com o objeto, os sujeitos da pesquisa. No segundo capítulo, abordaremos a exclusão social e as pessoas em situação de rua, conceitos e políticas públicas, e o trabalho da equipe multiprofissional do Centro Pop. Já no terceiro e último capítulo, traremos os relatos e vivências em campo e entenderemos como os sujeitos da pesquisa chegaram à situação de rua e quais suas expectativas para o futuro.

## 2. APONTAMENTOS SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

“Desgraçado do homem que se abandona”

Estas seis palavras acima indicam que, por pior que seja a situação, nunca, nunca o homem deve considerá-la perdida porque ninguém pode dar garantia que adversidade seja invulnerável.

Raimundo Arruda Sobrinho

Ex-morador de rua.

### 2.1 A Definição do objeto

Como já citado anteriormente, minha aproximação com o tema se deu em 2011, através de uma oportunidade de trabalho na antiga Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), hoje atual Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social e combate à Fome (SETRA). Naquela época, eu<sup>2</sup> trabalhava na instituição como cadastradora e fui selecionada para trabalhar em um mutirão, iniciativa da Prefeitura municipal e de outros órgãos competentes. A SEMAS ficou responsável pela inserção dos sujeitos no cadastro único, setor em que eu trabalhava.

Era o Mutirão pela Cidadania para a População em Situação de Rua, com o tema: “Campanha pela Erradicação do Sub-Registro Civil de Nascimento e Acesso à Documentação Básica”. O mutirão foi realizado no Recanto Sagrado Coração, que fica localizado na avenida da universidade, nº 3106, instituição dirigida por 12 irmãs vicentinas que acolhe cerca de 30 idosas. Além desse trabalho com as idosas, as irmãs também desenvolvem um trabalho com as pessoas em situação de rua, servindo refeições diárias e oferecendo cursos de capacitação.

Voltando ao mutirão, na ocasião os sujeitos foram atendidos com vários serviços oferecidos, como inserção no cadastro único<sup>3</sup> do Governo Federal, corte de cabelo, orientações necessárias à documentação, refeições no local e, ainda, orientações sobre

---

<sup>2</sup> Neste capítulo, trago o texto na primeira pessoa, pois narro aqui a minha aproximação com o objeto, bem como a minha inserção em campo.

<sup>3</sup> Cadastro Único para programas sociais do Governo Federal. O cadastro único reúne informações sobre as famílias de baixa renda, aquelas com renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa, sobre cada um de seus integrantes e sobre as condições dos domicílios onde moram. Isso permite ao governo conhecer as reais condições de vida da população (MDS, 2015).

doenças sexualmente transmissíveis e entrega de preservativos, etc. No momento em que entrevistava os sujeitos, dava-se conta de que aquela questão não era apenas dos que ali estavam envolvidos, mas também do Estado e de toda sociedade.

Ouvi vários relatos por parte dos sujeitos entrevistados, como já citei em linhas anteriores. Muitas questões foram ouvidas por parte deles, homens e mulheres, adolescentes, todos com os mesmos problemas, as mesmas necessidades e a busca por seus direitos, todos na mesma direção e norteados pela vida que os fragilizava e os impelia a se tornarem sem rumo, sem teto. Desde aquele mutirão, não tirei o olhar dessa questão e passei a enxergar os sujeitos com mais atenção, entendendo que são pessoas frágeis, que romperam os vínculos familiares e se fragilizaram ainda mais com essa perda de vínculos.

Em 2013, iniciei meu curso como acadêmica de serviço social na faculdade Ratio. Já no primeiro semestre, a professora de metodologia científica pediu que a turma iniciasse um miniprojeto, em que cada um abordaria um tema. Não pensei duas vezes e já tinha em vista os sujeitos daquele mutirão em que entrevistei, levei o tema “a população em situação de rua” para as linhas do projeto, e foi onde pude iniciar este estudo. Dali em diante, continuei a pesquisar mais sobre os sujeitos envolvidos na pesquisa.

Nas disciplinas de pesquisa I e II no 4º e 5º semestres, continuei com a mesma temática e o mesmo sujeito. Fui desenvolvendo o projeto de pesquisa e pesquisando mais sobre o tema abordado. Em TCC I, no 7º semestre, a orientadora me ajudou a definir os objetivos. Nascia, assim, o objetivo deste estudo, que era compreender como os usuários do Centro Pop chegaram à situação de rua.

Já no sexto semestre, pude estagiar na unidade de acolhimento Dr. Silas Munguba, situada no bairro José Walter. Na instituição, também acompanhei vários casos de pacientes que viviam nas ruas e cujo vício das drogas significou um agravante na vida deles. Estagiar na instituição e saber que ali era um local em que as pessoas estavam tentando mudar a sua condição de vida para se reintegrar à sociedade novamente só aumentou o desejo em continuar com o tema e entender que estava no caminho certo.

A experiência de estagiar na unidade de acolhimento foi gratificante, e me ajudou a entender as questões de pessoas que estavam nas ruas e precisavam de ajuda para um novo recomeço, principalmente de quem tentava se livrar do uso de drogas e queria viver uma vida digna com sua família (esse era o desejo de quase todos que ali estavam).

As pessoas em situação de rua são fragilizadas pela perda dos vínculos, o preconceito social, o abandono, sujeitando-se à violência nas ruas, a desenvolver meios para a própria

sobrevivência, como ter que ir em busca de uma atividade que lhe traga uma renda mensal pra sobreviver. Se isso já é difícil para quem tem instrução e conhecimento, e é capacitado profissionalmente, imagine para quem não terminou os estudos e não tem profissão, bem como nem mesmo um endereço domiciliar ou referências pessoais.

No campo da pesquisa, pude entender as questões que envolvem a temática da população em situação de rua e os problemas que envolvem esses sujeitos e as suas fragilidades. Abordarei com mais detalhes nas linhas seguintes.

## **2.2 A Imersão em campo e os sujeitos**

Iniciei a pesquisa de campo no Centro Pop Benfica, no dia 23 abril de 2017. Foi meu primeiro contato com o campo da pesquisa, o que me ajudou a compreender as indagações deste estudo. Ao chegar ao Centro Pop pela primeira vez, foi doloroso ver as condições em que aquelas pessoas se encontravam. Mesmo já tendo aproximação com esse público, a cena me chocou: vi várias pessoas em uma fila, homens e mulheres. A fila formada era para os sujeitos receberem o café da manhã. Depois do café, todos iam para a entrada, onde fica a recepção. Nesse local, eram direcionados aos atendimentos com os profissionais, que a instituição realiza. Além dos atendimentos, eles também participam de oficinas com o educador social e a pedagoga.

A demanda da instituição aumentou bastante porque, no momento da pesquisa, o Centro Pop do bairro Centro estava fechado e os profissionais de lá foram remanejados para a unidade do Benfica. A coordenadora do Centro Pop me disse não saber o motivo do fechamento da unidade do Centro e que todos estavam aguardando um novo local. Iniciei a observação em campo com os sujeitos e, ao entrar na instituição, observei que cada um tinha um motivo para estar ali. Enquanto uns tomavam banhos, outros já lavavam as roupas sujas e outros conversavam com os educadores, informando as suas necessidades e tirando suas dúvidas a respeito do atendimento com os profissionais. Percebi que o Centro Pop é um grande apoio para eles, um lugar onde eles sentem como se estivessem em casa.

Na instituição, comecei a observação e ouvia muitas reclamações por parte dos usuários. Reclamavam muito dos banheiros, que eram muito sujos e entupidos. No período em que estive realizando a pesquisa, pude comprovar que as condições do Centro Pop estavam um pouco precárias, por falta de manutenção. A sala das oficinas tem ar-condicionado, mas que não funciona, e o ventilador que também não funciona. No momento

em que aconteciam as oficinas, percebi que todos torciam para que terminassem logo, devido ao calor que era insuportável. Alguns usuários não aguentavam o calor e acabavam saindo da sala. A cozinha é muito apertada, mal dava para as cozinheiras andarem, de modo que notei uma falta de estrutura adequada no prédio.

Essas e outras questões foram observadas e, tanto os usuários reclamavam da falta de estrutura da instituição, como também os profissionais reclamavam das condições de trabalho, que são mínimas. É necessário que haja um melhor acompanhamento desses equipamentos, para que as políticas sejam efetivadas como deveriam. Há uma contradição quando se fala na efetivação de direitos, quando se observa os usuários sendo atendidos sem uma estrutura adequada.

Observar as atividades do Centro Pop foi muito desafiador; houve momentos de grande impacto, como o que vou narrar a seguir.

Certa manhã eu aguardava para falar com uma das assistentes sociais da instituição. A mesma já tinha marcado para me receber e responder a algumas perguntas. Já passava das 11h da manhã e eu estava sentada aguardando por ela. De repente, um dos educadores sociais veio muito nervoso e olhou pela janela da sala de cima, de onde dava para ver o portão, dizendo “não olhem para o portão”. Todos que estavam nessa sala, as duas assistentes sociais e a coordenadora, a psicóloga e a pedagoga, ficaram apavoradas, querendo saber o que tinha havido. Então ele disse: “tem um usuário com um facão enfiado na cabeça, e está perdendo muito sangue, a cabeça está com um buraco enorme que dá para colocar uma mão”. Foi apavorante, isso! Então uma das assistentes sociais que o atendia, juntamente com a pedagoga, foi até ele, ligando para a ambulância vir ao seu socorro. Ele tinha brigado com outro sujeito na rua e foi atingido com um golpe de facão. Felizmente, fomos informados de que ele ficou por quatro dias internado em um hospital e passou por uma cirurgia, recebendo alta (mas, infelizmente, voltando às ruas novamente). A lesão não chegou a atingir profundamente, e o ferimento foi superficial, de modo que ele não chegou a perder a vida.

Esse fato me fragilizou ainda mais, por saber que o trabalho profissional nessa instituição não é nada fácil, especialmente no que diz respeito a lidar com esse tipo de situação, o que exige um preparo emocional. Percebe-se que a violência é constante entre os usuários e que eles brigam facilmente por território, devido ao uso de drogas, o que se torna um fator agravante que colabora com a violência no convívio deles, nas ruas de Fortaleza.

É válido ressaltar que se aproximar desses sujeitos não foi nada fácil, pois as pessoas em situação de rua se resguardam do diálogo com qualquer pessoa, de modo que foi preciso

primeiro ganhar a confiança deles para que se sentissem à vontade em relatar sua vida pessoal e suas fragilizações. No entanto, foram necessárias várias visitas à instituição, no período de um mês, para uma melhor compreensão dos dados.

No capítulo seguinte, abordaremos a exclusão social e a população em situação de rua, e conheceremos algumas das políticas e projetos sociais que atendem a esse público, bem como a todos que precisem. Além disso, conheceremos o trabalho da equipe multiprofissional do Centro Pop.

### 3. O PROBLEMA DA EXCLUSÃO SOCIAL E A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA. CONCEITOS E POLITICAS PÚBLICAS.

(..) Não somos bicho nem lixo, temos voz.

Por dentro da caótica selva,

Somos vistos como fantasma.

Existem aqueles que se assustam,

Não estamos mortos, estamos vivos.

Andamos em labirintos.

Dependendo de nossos instintos.

Somos humanos nas ruas, não somos lixo.

Carlos Eduardo Ramos

Morador das Ruas de Salvador

#### 3.1. Exclusão Social e a população em situação de rua

Como já vimos em linhas anteriores, com o crescimento populacional em Fortaleza também vêm crescendo os problemas nesta cidade, como o fato de existirem pessoas em situação de rua, pessoas que, por algum motivo, abandonaram seus lares para a vida nas ruas, ou romperam seus vínculos familiares.

Na atual conjuntura, a desigualdade social ainda é um fator agravante na sociedade, afetando os mais fracos e fragilizados, vítimas da exclusão, que se tornam fuggitivos em esconderijos que ficam fora da vista de todos. Esse fato agravante não é apenas na cidade de Fortaleza, mas se espalha em todo território brasileiro. Dessa forma Giorgetti destaca que:

A situação das pessoas de rua é marcada por rupturas de todo tipo, que os levam ao isolamento social. Alguns são ex-presidiários e enfrentam dificuldades para se inserir novamente na sociedade. Verifica-se também, entre essa população, um grande número de usuários de álcool e de drogas (GIORGETTI, 2006, p. 25).

A autora embasa uma realidade presente em Fortaleza, o caso da população em situação de rua. Esses sujeitos vivem em condições de vulnerabilidade e risco social, vagando pelas ruas da cidade, muitos deles usuários de drogas, o que dificulta o retorno ao convívio familiar. Eles acabam sendo rejeitados pela própria família, que não aceita a condição em que estão vivendo, e essa situação fica marcada pelas rupturas que só contribuem com o aumento de pessoas nas ruas.

A exclusão social se mostra presente no cotidiano dos sujeitos em situação de rua, ao viverem rodeados de perguntas para as quais não encontram respostas. Para uma melhor compreensão, vejamos o entendimento de Castel sobre o assunto. O autor faz uma análise sobre a questão social, ensinando que sua transformação reúne dois eixos principais de integração social: o mundo do trabalho e o mundo das relações sociofamiliares.

Para o autor:

Exclusão não é uma ausência de relação social, mas um conjunto de relações sociais particulares da sociedade tomada como um todo. Não há ninguém fora da sociedade, mas um conjunto de posições cujas relações com seu centro são mais ou menos distendidas (CASTEL, 2008, p. 568).

Assim como Castel traz a sua compreensão ao mundo do trabalho e às relações sociais, Iamamoto também faz a relação do trabalho como meio de sobrevivência da classe trabalhadora, pois todos têm suas necessidades pessoais e, para sobreviver, vendem sua força de trabalho. A autora destaca que:

A sobrevivência e a produção da classe trabalhadora na sociedade capitalista dependem fundamentalmente do salário que o trabalhador recebe em troca da venda de sua força de trabalho no mercado, isto porque trata-se de trabalhadores assalariados, despojados dos meios de produção e dos meios de vida, os quais se encontram monopolizados pelos proprietários do capital e da terra (IAMAMOTO 2014, p.105).

Iamamoto compreende a classe trabalhadora como pessoas que são exploradas por capitalistas, com baixos salários e uma carga horária extensa. Os trabalhadores eram submetidos a tanta exploração que, em troca da própria sobrevivência, não tinham outra saída. Isso mostra que a exclusão social não é apenas uma questão da sociedade contemporânea, mas que tem sido fruto da desigualdade social existente há séculos, definindo que uma parte da sociedade tem muitos recursos e um capital financeiro elevado e, em outra face, há um grande número de pessoas vivendo com o mínimo possível. Ainda temos uma parcela da população vivendo vulnerável e em risco social, no caso de pessoas que vivem nas ruas.

Nessa mesma direção, Marx traz a compreensão de como as pessoas foram parar nas ruas. Para ele, o fenômeno se dá desde a Europa ocidental, no século XVIII, na chamada acumulação primitiva, através do modo de produção capitalista, e das sociedades pré-industriais da Europa, em que os camponeses foram expulsos de suas terras, sem que as indústrias os absorvessem. Com isso, muitos se tornaram mendigos, ladrões e vagabundos, pela força das circunstâncias (MARX, 1988, p.742).

Desse modo, Marx destaca que o surgimento das pessoas nas ruas se deu por uma precarização da oferta de trabalho. Na medida em que as pessoas perdiam suas terras e suas casas, ficavam submissas a um sistema opressor. Sem moradia e sem trabalho, as pessoas partiam a vagar pelas ruas, tentando encontrar meios para a própria sobrevivência. Pode-se dizer que a origem do fenômeno se deu no pauperismo, no qual se insere o que hoje se denomina população em situação de rua. O pensamento de Marx reflete a exclusão que os trabalhadores sofriam, pois a classe trabalhadora sempre foi oprimida. Para Antunes, essa exclusão da classe trabalhadora continua na sociedade contemporânea, com a precarização da força de trabalho. Ele destaca que:

Portanto, entre tantas destruições das forças produtivas, da natureza e do meio ambiente, há também, em escala mundial, uma ação destrutiva contra a força humana de trabalho, que se encontra hoje na condição de precarizada ou excluída (...) (RICARDO ANTUNES, 2011 p.162)

Esse fator apresentado pelos autores nos mostra como a classe trabalhadora passa por diversas facetas e consegue se manter devido ao processo de produção. É nesse contexto de precarização e exclusão social que surge a população em situação de rua. No Brasil, esse quadro também se dá por várias questões, e o desemprego é uma delas, envolvido nas fragilizações dessa população como reflexo da questão social. De acordo com Silva (2006), os primeiros estudos sobre o surgimento de pessoas em situação de Rua no Brasil começaram na década 1990, o que não permite a comparação com períodos anteriores:

No Brasil, não se tem conhecimento de estudos sobre a origem e o resgate histórico do fenômeno, o que não permite comparações com períodos anteriores à década de 1990. Entretanto, a realização dos primeiros estudos sobre o fenômeno no curso dos anos 1990 e a ampliação das iniciativas de enfrentamento da problemática em algumas cidades brasileiras são reveladores da dimensão alcançada pelo fenômeno, neste período recente da história do país, coincidente com as mudanças provocadas pelo capitalismo, em escala mundial, a partir da segunda metade do decênio de 1970, manifestas no Brasil, mais especificamente, na segunda metade da década de 1990. Nesse período, percebeu-se a enorme expansão da superpopulação no mundo e no Brasil, particularmente em sua forma flutuante, devido à redução de posto de trabalho na indústria estagnada, em decorrência do trabalho precarizado e do pauperismo (sobretudo a parte dos indivíduos aptos ao trabalho, mas não absorvido pelo mercado), o que ajuda a explicar a expansão do fenômeno população em situação de rua (Silva, 2006, p. 81).

A autora ressalta que, no período das décadas de 70 a 90, houve os primeiros manifestos de pessoas vivendo nas ruas do país, devido a uma precarização do trabalho e do chamado pauperismo, que era os trabalhadores aptos ao trabalho e, mesmo assim, as indústrias não os contratavam, consequências do capitalismo.

No Brasil, para compreender o motivo de tantas pessoas vivendo em situação de rua, foi desenvolvida a pesquisa nacional para pessoas em situação de rua. Através dessa pesquisa, que serve de referência para as estatísticas do país, realizada entre agosto de 2007 a março de 2008, uma parceria do Ministério do Desenvolvimento Social, (MDS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO), incluíram-se a contagem e caracterização da população adulta em situação de rua em 71 municípios, incluindo 48 municípios com mais de 300 mil habitantes e 23 capitais, independentemente do porte populacional. Dentre as capitais, foram excluídas apenas Belo Horizonte, São Paulo e Recife, que haviam realizado pesquisas semelhantes em anos recentes, e Porto Alegre, por estar conduzindo, naquele momento, pesquisa de iniciativa municipal.

Essa pesquisa, realizada há quase 10 anos, mostrou que a pessoa em situação de rua está presente em todo país e que existem várias questões envolvendo esse público. Entretanto, os dados estão desatualizados e há a necessidade de uma nova pesquisa. Em Fortaleza, há uma contradição com os dados, pois, enquanto a última pesquisa aponta 1.772 PSR, o Centro Pop Benfica já tem uma média de 2.200 cadastros e, na unidade que fechou no centro da cidade, havia mais de 5.000 cadastros. Além disso, ainda há muitos PSR que não procuram o centro, por não conhecerem os serviços ou porque fica muito distante, dificultando o acesso. Se levarmos em conta todas essas questões, encontraremos uma estimativa bem maior do que a atual.

De acordo com a pesquisa nacional, os principais motivos que levaram as pessoas parar nas ruas foram: alcoolismo/drogas (35,5%), desemprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%). A pesquisa também apontou que, das pessoas em situação de rua, 24,8% não possuem quaisquer documentos de identificação, o que dificulta a obtenção de emprego formal, o acesso aos serviços e programas governamentais e o exercício da cidadania. Não possuem título de eleitor 61,6%, carteira de trabalho 59,9%, CPF 57,4%, certidão de nascimento ou de casamento 49,2% e carteira de identidade 40,7%. Possuem todos os documentos de identificação mencionados apenas 21,9%. A grande maioria não é atingida pela cobertura dos programas governamentais, e 88,5% afirmaram não receber qualquer benefício dos órgãos governamentais.

Entre os benefícios recebidos, destacam-se a aposentadoria (3,2%), o Programa Bolsa Família (2,3%) e o Benefício de Prestação Continuada (1,3%). O cruzamento de dados levantados na pesquisa indica que 54,5% das pessoas em situação de rua entrevistadas já sofreram algum tipo de discriminação, principalmente por meio do impedimento de sua

entrada em estabelecimentos comerciais, shopping centers, transporte coletivo, bancos, algum órgão público, de serem atendidos nos órgãos de saúde, além do impedimento na retirada de documentos. A maioria dos entrevistados, 95,5%, não participa de qualquer movimento social, e apenas 2,9% indicam essa participação.

A pesquisa nacional mostrou que há uma necessidade de políticas sociais voltada a esse público. Mesmo com a criação da política nacional para pessoas em situação de rua, há muito a ser feito. Com um grande número de desemprego no país, aumentam as chances de existirem mais pessoas nas ruas e, pelo fato de não terem como pagar um local para ficarem, acabam indo viver nas ruas. Antes de existirem políticas públicas para as pessoas em situação de rua, eles recorriam às instituições filantrópicas, que eram o apoio de que eles precisavam para a própria sobrevivência.

No decorrer deste estudo, observaremos se essa realidade condiz com a dos sujeitos atendidos no Centro Pop, buscando entender como tantas pessoas foram parar nas ruas, bem como o funcionamento dos equipamentos do Estado, que já não dá conta da demanda tão grande, pois os números não param de crescer (MDS, 2010). Considerando o contexto exposto, temos a criação de uma rede de políticas públicas voltada para o atendimento a esse público. Esse assunto trataremos no item a seguir.

### **3.2 A Rede de Proteção do Estado na Política de Assistência Social para Pessoas em Situação de Rua.**

A partir da constituição de 1988, no capítulo II, art. 6º: são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição.

A constituição brasileira nos garante todos esses direitos sociais, de modo que todo cidadão brasileiro tem o direito de viver com dignidade. O acesso aos direitos sociais vem facilitando a vida da sociedade em todo país, através das políticas públicas e dos benefícios sociais. Mesmo com a criação das leis e dessas políticas, muitos não conhecem seus direitos, por não saberem o que garante a constituição brasileira.

Em 1993, o Congresso Nacional aprovou a Lei 8.742 de 7 de dezembro de 1993, Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que regulamentou os Artigos 203 e 204 da Constituição Federal, “Reconhecendo a Assistência Social como política pública, direito do

cidadão e dever do Estado, além de garantir a universalização dos direitos sociais”. Depois que a lei orgânica LOAS foi sancionada pelo ex-presidente Itamar Franco, muita coisa vem avançando para a área de assistência social, e novas conquistas foram alcançadas, de modo que quem ganha mais ainda é a população brasileira, a partir da garantia dos seus direitos. Além disso, há os direcionamentos devidos através dos profissionais da assistência social, que visam à efetivação de direitos a todo cidadão.

Sabendo que a assistência social é um dever do estado e direito do cidadão o acesso às políticas sociais, desde que delas precisem, a LOAS, em seu Art. 2º, explicita que a assistência social tem por objetivos:

- I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;
- II - o amparo às crianças e adolescentes carentes;
- III - a promoção da integração ao mercado de trabalho;
- IV - a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária;
- V - a garantia de 1 (um) salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família.

Esses direitos englobam toda a sociedade brasileira, mas é preciso que a essa seja conhecedora desses direitos e saiba quais são e como ter acesso a eles.

Em 2004, ocorreu a criação da Política Nacional de Assistência Social, PNAS, pelo Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS, considerando a realização de Reuniões Descentralizadas e Ampliadas do Conselho para discussão e construção coletiva do texto final da PNAS, ocorridas respectivamente em 21 e 22 de julho de 2004, na cidade de Aracaju, e em 21 e 22 de setembro do mesmo ano no Distrito Federal.

A assistência social é uma política pública, um direito de todo cidadão que dela necessitar. Ela está organizada por meio do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), presente em todo o Brasil. Seu objetivo é garantir a proteção social aos cidadãos, ou seja, apoio a indivíduos, famílias e à comunidade no enfrentamento de suas dificuldades, por meio de serviços, benefícios, programas e projetos sociais.

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) é um sistema público que organiza os serviços de assistência social no Brasil. Com um modelo de gestão participativa, ele articula os esforços e os recursos dos três níveis de governo, isto é, municípios, estados e a União, para a execução e o financiamento da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), envolvendo diretamente estruturas e marcos regulatórios nacionais, estaduais, municipais e do Distrito Federal.

O SUAS organiza as ações da assistência social em dois tipos de proteção social. A primeira é a **Proteção Social Básica**, destinada à prevenção de riscos sociais e pessoais, por meio da oferta de programas, projetos, serviços e benefícios a indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade social. A segunda é a **Proteção Social Especial**, destinada a famílias e indivíduos que já se encontram em situação de risco e que tiveram seus direitos violados por ocorrência de abandono, maus-tratos, abuso sexual, uso de drogas, entre outros (MDS).

A Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua é fruto das reflexões e debates do Grupo de Trabalho Interministerial para Elaboração da Política Nacional de Inclusão Social da População em Situação de Rua, instituído pelo Decreto s/nº, de 25 de outubro de 2006, e composto pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Ministério das Cidades, Ministério da Educação, Ministério da Cultura, Ministério da Saúde, Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério da Justiça, Secretaria Especial de Direitos Humanos e Defensoria Pública da União, além da fundamental participação de representantes do Movimento Nacional de População de Rua (MNPR), da Pastoral do Povo da Rua e do Colegiado Nacional dos Gestores Municipais da Assistência Social (CONGEMAS), representando a sociedade civil organizada.

A partir da criação da política nacional para pessoas em situação de rua, o poder público enxerga a necessidade de políticas públicas para esses sujeitos. A PSR não pode ser vista apenas como um problema do poder público e da sociedade, pois estamos falando de pessoas que estão com seus direitos violados, e o estado tem o dever de efetivar políticas que supram a necessidade delas. Está na constituição brasileira que todo cidadão tem direito à educação, saúde, moradia e lazer etc.

A população em situação de rua atendida pelo Centro Pop está dentro da Proteção Social Especial, pois os sujeitos se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social, expostos a todas as formas de violação de seus direitos, traçando estratégias para o próprio sustento. Propor políticas públicas nessa área requer identificar algumas dessas estratégias, além de assegurar os direitos sociais adquiridos pela luta desse segmento e assegurados na Constituição Federal.

A partir 2009, instituiu-se a política nacional para população em situação de rua. Através do decreto 7.053 de 23 de dezembro de 2009, essa política define a população em situação de rua como:

um grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (PNPSR).

Ganhará concretude no esforço dos diferentes setores do Poder Público em articulação com a sociedade civil no sentido de imprimir ações efetivas de prevenção e reinserção social. A inclusão social de pessoas em situação de rua deve ser pensada como ação integral e interdisciplinar, envolvendo os poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. A presente Política Nacional faz parte do esforço de estabelecer diretrizes e rumos que possibilitem a integração dessas pessoas às suas redes familiares e comunitárias, o acesso pleno aos direitos garantidos aos cidadãos brasileiros, o acesso a oportunidades de desenvolvimento social pleno, considerando as relações e significados próprios produzidos pela vivência do espaço público da rua. Para tanto, vale-se do protagonismo de movimentos sociais formados por pessoas em situação de rua, entre outras ações que contribuam para a efetivação deste processo (Brasília, 2008).

No território nacional, as Políticas Públicas são administradas através do órgão gestor brasileiro, na figura do Ministério do Desenvolvimento Social, MDS, e se dão através de um cadastro nacional, cadastro único, considerado a porta de entrada para o acesso aos benefícios sociais, através do qual é gerado um número de inscrição social, NIS, que permite o acesso às políticas públicas em todo o território nacional. Segundo o MDS, o Cadastro Único identifica quem são e como vivem as pessoas e famílias brasileiras de baixa renda. Podem ser cadastradas as famílias que ganham até meio salário mínimo por pessoa, e que ganham até três salários mínimos de renda mensal total.

No caso da população em situação de rua, o Cadastro Único é importante, pois contribui para que o governo desenvolva políticas públicas voltadas especialmente para atender suas necessidades. Além disso, permite o acesso a diversos programas sociais. Em Fortaleza o cadastro pode ser realizado no Centro POP - Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua.

Para realizar o cadastro, o titular precisa ser maior de 16 anos e informar seu RG, CPF ou título de eleitor. Caso não tenha nenhum desses documentos, no posto de cadastramento será orientado sobre como adquiri-los. Já o endereço a ser informado, no caso de não ter, poderá ser o endereço da Unidade de Serviço da Assistência Social que tenha como

referência, tal como o Centro POP, ou Unidade de Acolhimento em que o mesmo é atendido. (MDS)

Depois de ter realizado o cadastro e de obter seu Número de Inscrição Social (NIS), a população em situação de rua também poderá participar dos programas sociais disponibilizados pelo governo. Esses são alguns benefícios sociais que os sujeitos da pesquisa podem acessar: Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada, Carteira do Idoso, Programa Minha Casa Minha Vida, além de aluguel social e do projeto Novos Caminhos, os dois ofertados pela prefeitura de Fortaleza.

Hoje, no Município de Fortaleza, o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal vêm efetivando as políticas públicas que atendam a toda população. No caso da população em situação de rua, alguma coisa tem sido feito, mesmo que em passos lentos para atender a toda demanda imposta. Com a criação da lei 16.126 de 14/outubro/16, que garante a expedição gratuita de documento de Identificação, muitas pessoas em situação de rua já possuem esse documento. Esse benefício de expedição de RG se dá devido ao fato de os sujeitos não terem como pagar a taxa e por se encontrarem em situação de extrema pobreza, além do fato de viverem nas ruas e não terem onde guardar seus documentos, que ficam expostos à chuva e ao relento e, com isso, são extraviados com mais facilidade(muitos ainda perdem a documentação, aumentando a procura por esse serviço).

O Programa de transferência de renda do Governo Federal **Bolsa Família** é um dos benefícios sociais mais acessados pela população em situação de rua. Por se encontrarem em situação de vulnerabilidade social, o governo entende a importância de superar a necessidade deles. Assim também o acesso é garantido às famílias pobres e extremamente pobres, uma ação do Governo Federal. Todos os beneficiários do programa Bolsa Família estão inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais do governo federal.

O Cadastro Único reúne informações sobre as famílias de baixa renda, aquelas com renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa, sobre cada um de seus integrantes e sobre as condições dos domicílios onde moram. Isso permite ao governo conhecer as reais condições de vida da população. As informações são essenciais na hora de selecionar as famílias para o Programa Bolsa Família (CARTILHA PBF).

O **Benefício de Prestação Continuada BPC**, da Lei Orgânica da Assistência Social, criado há quase 20 anos, garante aos idosos acima de 65 anos e às pessoas com deficiência, com renda familiar inferior a  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo, o pagamento mensal de um salário mínimo. É um benefício da Política Nacional de Assistência Social, coordenado pelo MDS e

operacionalizado pelo INSS. Por se tratar de um benefício assistencial, não é necessário ter contribuído com INSS, porém esse benefício não paga décimo terceiro salário nem deixa pensão por morte. A PSR pode acessar esse benefício desde que atenda aos critérios.

A **Carteira do idoso** é voltada para as pessoas com 60 anos ou mais, que tenham renda individual de até dois salários mínimos. A carteira dá direito à gratuidade ou descontos nas passagens para viagens interestaduais de ônibus, trem e barco. Para ter direito à gratuidade no transporte, o beneficiário deve estar dentro do perfil e agendar a passagem com antecedência nos postos de atendimento.

Através da Lei 328 de 12 de março de 2015, que define o **Programa de Locação Social** no Âmbito do Município de Fortaleza, define-se no art. 7º que: o ingresso no Programa Locação Social ocorrerá através de cadastro próprio na Secretaria Municipal do Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza, mediante a comprovação da condição de baixa renda, vulnerabilidade social e situação de desastre do pretense beneficiário, sendo assegurada a preferência para quem se encontra nessas condições:

- I - os que habitarem em condições subumanas, em áreas de risco iminente ou que tenham sido atingidos por qualquer espécie de desastre;
- II - famílias em situação de desalojamento temporário, que já se encontrem cadastradas em programas habitacionais, e estejam em processo de reassentamento para novas unidades habitacionais;
- III - mulheres em situação de violência doméstica e/ou sexual, idosos, pessoas com deficiência, enfermos graves ou arrimos de família;
- IV - famílias ou pessoas em situação de baixa renda ou em situação de vulnerabilidade social e que se encontrem em situação de moradia de rua.

Esses benefícios sociais estão disponíveis à população em situação de rua, desde que os mesmos se encaixem no perfil de cada programa. Os programas sociais oferecidos pelas três esferas de governo, tanto Municipal como Estadual ou, pelo Governo Federal, variam de acordo com área ou região, e os únicos benéficos que atendem no âmbito nacional são os ofertados pelo governo federal.

A Prefeitura de Fortaleza desenvolve o **Projeto Novos Caminhos** através da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social e Combate à Fome (SETRA) e a Coordenadoria Especial de Políticas sobre Drogas (CPDROGAS), em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). A iniciativa é voltada para a reinserção social de usuários de álcool, drogas e que vivem em situação de rua. O projeto tem por base a qualificação profissional com perspectiva na inclusão produtiva e social. As atividades do projeto estão organizadas em quatro eixos: convívio social, qualificação

profissional, inclusão produtiva e provisão de auxílio moradia. Essa é mais uma conquista da PSR.

Cada vez mais, o Governo Federal, os Estados e os Municípios utilizam o Cadastro Único para identificar potenciais beneficiários de programas sociais. Isso integra esforços de todas as esferas governamentais no enfrentamento da pobreza e contribui para aperfeiçoar a gestão dos programas, além de evitar desperdício de recursos públicos.

Mas o cadastramento não significa a inclusão automática em programas sociais. Esses programas usam as informações do Cadastro Único, mas são gerenciados por outros órgãos. A seleção e o atendimento da família ocorrem de acordo com critérios e procedimentos definidos pelos gestores e pela legislação específica de cada um deles.

Além dessas políticas, existem as que são direcionadas pela saúde pública. O **Sistema Único de Saúde SUS**, através da Lei Orgânica da Saúde, dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Pois sabendo que a Saúde é um direito de todos, garante a constituição Nacional na Lei Nº 8.080, de 19 de Setembro de 1990, em seu Art. 2º, que a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício.

De acordo com o Ministério da Saúde, as políticas de Saúde são baseadas no princípio do Sistema Único de Saúde de oferecer acesso integral, universal e gratuito a todos os brasileiros, seja uma criança, uma pessoa com deficiência ou um trabalhador, entre outros. A Portaria nº 3.305, de 24 de dezembro de 2009 Institui o Comitê Técnico de Saúde da População em Situação de Rua. E a Resolução nº 2, de 27 de fevereiro de 2013 institui os Planos Operativos para Implementação de Ações em Saúde da População em Situação de Rua. A PSR tem o direito de ser atendida em qualquer unidade de saúde, mesmo que não disponha de sua documentação, pois o acesso à política de saúde não pode ser negada.

É válido ressaltar que, em 14 de outubro de 2016, foi criada a lei 16.126 que garante a **expedição gratuita de documento de identificação** à População em Situação de Rua. A expedição gratuita se dá devido aos sujeitos se encontrarem em situação de vulnerabilidade e extrema pobreza. Além disso, há ainda o fato de viverem nas ruas e de não terem como guardar seus documentos, como já foi visto.

A partir desse breve relato sobre as políticas públicas voltadas para população em situação de rua, é possível perceber que existe uma rede de proteção destinada a esse público, especialmente inserido na política de assistência social. No próximo item, trataremos sobre o

trabalho desenvolvido pela equipe multiprofissional do Centro Pop, e apresentaremos as narrativas feitas pelos profissionais que participaram da pesquisa feita na instituição, no período que estive em campo.

### **3.3 Algumas considerações sobre a atuação da equipe multiprofissional do Centro Pop do Bairro Benfica**

Em 2011, a Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), buscando alinhar-se às orientações contidas na Tipificação Nacional de Serviços Sócios assistenciais, reformulou a proposta do Centro de Atendimento à População de Rua CAPR, agora Centro de Referência para População de Rua, Centro Pop. Esse equipamento continua tendo como destinatário dos seus serviços a população em situação de Rua, através da oferta do serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua e do Serviço Especializado de abordagem Social de Rua (ALVES, 2011).

As pessoas ou até mesmo famílias que se encontrem nessa situação podem buscar atendimento nos Centros de Referência para População em Situação de Rua (Centro POP) e nos Serviços de Acolhimento (abrigos). Também podem ser atendidas pelas equipes que realizam abordagem social nas ruas de Fortaleza. O objetivo do atendimento é o conhecimento sobre os direitos, o fortalecimento da autoestima e dos relacionamentos e a construção de novos projetos e perspectivas de vida. Os atendimentos devem ser realizados sempre com respeito à dignidade de cada cidadão. As pessoas atendidas podem falar sobre suas dificuldades cotidianas e até mesmo sua trajetória de vida e sua família. Para um melhor entendimento, o MDS destaca que:

O Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua constitui-se em uma unidade de referência da Proteção Social Especial de Média Complexidade, de caráter público estatal, com papel importante no alcance dos objetivos da Política Nacional para a População em Situação de Rua. As ações desenvolvidas pelo Centro POP e pelo Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua devem integrar-se às demais ações da política de assistência social, dos órgãos de defesa de direitos e das demais políticas públicas – saúde, educação, previdência social, trabalho e renda, moradia, cultura, esporte, lazer e segurança alimentar e nutricional – de modo a compor um conjunto de ações públicas de promoção de direitos, que possam conduzir a impactos mais efetivos no fortalecimento da autonomia e potencialidades dessa população, visando à construção de novas trajetórias de vida (Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro Pop, Brasília, 2011).

Para entender melhor sobre a intervenção do Centro Pop, realizamos a pesquisa de campo no equipamento localizado na avenida da universidade, no Benfica. A instituição foi inaugurada em 04 de novembro de 2013 e tem um quadro profissional composto por: 01 coordenadora, 02 assistentes sociais, 01 advogada, 01 psicóloga, 01 pedagoga, 04 educadores sociais, 01 apoio administrativo, 01 motorista, 04 vigilantes, 02 porteiros, 01 cozinheira, 01 auxiliar de cozinha e 01 auxiliar de serviços gerais.

A unidade tem uma média de 2.200 usuários cadastrados. Como informou a coordenadora, muitos dos usuários estão desassistidos por conta do território. Devido aos conflitos entre eles, muitos dos sujeitos que eram atendidos na unidade do centro não podem ir à unidade do Benfica, devido às brigas territoriais entre eles.

O Centro Pop não trabalha com a política alimentar, mas, mesmo assim, na instituição são servidas refeições diárias. Café da manhã para todos que estiverem ali, bem como almoço, quando são servidas em torno de 20 a 25 refeições, mais precisamente para aqueles que chegaram primeiro e participaram das oficinas. Pude observar que a maioria participa das oficinas apenas para garantir o almoço, para não passar o dia com fome. À tarde também são servidas 20 a 25 refeições no jantar que, por sinal, ocorre cedo demais, às 15h, depois da oficinas da tarde. Como a instituição fecha às 17h, eles precisam jantar um pouco mais cedo.

Realizei uma entrevista com os profissionais que trabalham no Centro Pop, na efetivação dos direitos, e que estão à frente das questões dos sujeitos em situação de rua. Realizam o trabalho tentando diminuir os riscos sociais, apesar da estrutura fragilizada do sistema do governo para enfrentamento da desigualdade social e para a universalização dos direitos dos cidadãos. De cada profissional entrevistado, usarei apenas uma resposta, por serem bem parecidas e na mesma linha de pensamento.

A primeira entrevista foi com a coordenadora, que é a Assistente Social e há 9 meses trabalha com esse público. Ela entrou no equipamento através de seleção pública. Para ela, o trabalho não é nada fácil, mas gosta do que faz.

Apaixonante, não é fácil, temos que ter amor pelo que fazemos, porque como o próprio nome da proteção fala, é “Especial”, porque é bem especial mesmo, tem que ter jogo de cintura. Além de serem pessoas em situação de risco, com direitos violados, e o equipamento muitas vezes não oferece condições de trabalho, muita coisa que você faz no equipamento depende muito de você (Coordenadora do Centro Pop).

Como podemos ver na fala da entrevistada, o trabalho profissional muitas vezes se torna desafiador, pois implica escolhas e decisões sobre quem tem mais necessidades, sendo

que todos têm necessidade. Nesse caso, Iamamoto relaciona as questões que envolvem o serviço social no fazer profissional:

O serviço social no Brasil, embora regulamentado como profissão liberal, não tem uma tradição de prática peculiar às profissões liberais na acepção corrente do termo. O assistente social não tem sido um profissional autônomo, que exerce independentemente suas atividades, dispondo das condições materiais e técnicas para o exercício de seu trabalho e do completo controle sobre o mesmo, seja no que se refere à maneira de exercê-lo, ao estabelecimento da jornada de trabalho, ao nível de remuneração e, ainda, ao estabelecimento do público ou clientela a ser atingida. No entanto, se essa não vem sendo, historicamente, uma característica básica da profissão, ela não exclui, integralmente, certos traços que marcam uma prática “liberal”, entre os quais se poderia arrolar a reivindicação de uma deontologia, o caráter não rotineiro da intervenção, viabilizando aos agentes especializados uma certa margem de manobra e de liberdade no exercício de suas funções institucionais (Iamamoto, 2010, p. 86).

Para Iamamoto, o profissional não pode ser considerado um profissional liberal, por muitas vezes ter que atender o direito de um e, ao mesmo tempo, negar-se ao do outro. Isso fragiliza o profissional, ao ver uma demanda tão grande e uma oferta minúscula que só chega a atender um terço da procura. Podemos notar certa contradição em relação às políticas públicas que não dão conta da procura. Na mesma direção, as profissionais da assistência social detalham as principais demandas na instituição, as quais são impostas a elas por parte dos usuários. Elas destacam que:

A política de saúde é uma demanda grande. Muitas vezes se firma em torno do mito que as pessoas que não tem documentação não podem acessar outros espaços e outras política. Mas, na verdade, a gente sabe que existe uma portaria do ministério público que determina a PSR a ter acesso a qualquer serviço de saúde, independente de ter ou não documentação, mas existe esse estigma ainda, e muitos profissionais não são informados disso. A gente sabe que existe um preconceito, às vezes até uma violência institucional de outros serviços. Já tem aquele estereótipo, em que a pessoa que tem uma aparência de ser da rua. Ah, é com a assistência, é com o Centro Pop. Não deve estar aqui. E nossa defesa é “não”. Essas pessoas são sim sujeitos de direitos, tanto da assistência, como de outras políticas também, assim como qualquer cidadão. Não só podem como devem acessar as políticas de saúde, educação e habitação. As demandas mais recorrentes que nos chegam é de saúde, habitação e os benefícios, como BPC, etc. E acolhimento institucional em geral (Assistente social do Centro Pop).

As principais demandas que os usuários trazem para o jurídico são os encaminhamentos para a retirada de documentação, como RG, registro civil, encaminhamento para a defensoria pública e aos direitos humanos. Porque envolve muita questão de guarda dos filhos, por eles viverem nas ruas, então perdem esse direito (Advogada do Centro Pop)

Como podemos ver nas falas das profissionais, a assistente social fala da dificuldade em efetivar os direcionamentos para a saúde por falta de um entendimento por alguns profissionais em relação à política de saúde para a população de rua, gerando de certa forma um preconceito em torno disso. Ao entrevistar as profissionais, podemos entender que trabalhar com as questões de violação de direitos não é uma tarefa fácil. Além de ser difícil trabalhar com essas questões, torna-se ainda pior quando não há condições necessárias para realizar o trabalho. Em outra entrevista com uma educadora social de abordagem de rua, a mesma explica o trabalho desenvolvido por eles. Ela relata que:

Nós temos uma rota de seg. à sexta e, no caso do Centro Pop Benfica, atendemos as regionais 4, 5 e 6, fizemos um mapeamento dos locais onde tem uma maior existência da PSR, onde eles se aglomeram mais pra fazer esse trabalho. O que acontece é que a gente faz uma sensibilização sobre os serviços oferecidos pela SETRA, explicamos como funciona tudo isso. Falamos do que ele vai encontrar se ele vir até o Centro Pop. E caso ele não queira vir ou não possa vir, fazemos os encaminhamentos para o posto de saúde, para o CAPS, trazemos a demanda para as técnicas daqui. Se ele estiver precisando de documentação, nós abrimos o cadastro lá mesmo in loco. Aí trazemos aqui, passamos para a assistente social e ela faz os devidos encaminhamentos. E assim pode acontecer para outras coisas também, certidão, ofício de busca de certidão, a gente vem no equipamento, ela assina e nós retornamos e levamos para eles. Quando possível, orientamos que venham na unidade. Mas quem mora longe, como Messejana, dificilmente vão vir pra cá [sic]. E além disso, também averiguamos denúncia da população e dos Direitos Humanos. Então encaixamos dentro da rota os locais denunciados e vamos lá averiguar (EDUCADORA SOCIAL DE ABORDAGEM DE RUA CENTRO POP)

Através da fala da educadora, podemos notar que o trabalho de abordagem é imprescindível na instituição, pois o educador tem uma tarefa importante na aproximação do usuário com o equipamento. Além de conhecer a área e os pontos onde mais se aglomeram as pessoas em situação de rua, o educador social de abordagem tem sempre contato direto com os sujeitos na rua, o que gera certa confiança entre eles, o fato de ter alguém para fazer uma mediação quando não podem ir até o equipamento.

Para a pedagogia da instituição, as dificuldades encontradas no desempenho profissional concentram-se na falta de material de apoio. Muitas vezes já necessitaram fazer oficinas manuais e não tinham materiais como tesoura, papel, tinta, pincel. “Além disso, a sala das oficinas é muito quente e o ventilador está quebrado há quase um ano.” A falta de material e a precariedade da instituição foram relatadas por todos os profissionais que entrevistei; todos falaram que existem muitas dificuldades envolvidas que podiam ser amenizadas, como, por exemplo: a falta de material, a falta de um computador para a recepção, ventiladores, manutenção dos banheiros dos usuários, a disponibilidade de carro para a abordagem, etc.

Ao abordar os profissionais sobre as políticas públicas, se elas têm sido suficientes, eles destacaram que:

Não. Primeiro que a última contagem deu 1.701, há metade do que tem de PSR. Basta juntar os cadastros daqui com do centro. Sendo que no Centro Pop Centro tem quase 6 mil cadastros, fizeram uma contagem muito superficial. Parece que as pessoas que estão à frente não entendem a lógica da PSR, acho que muita gente precisa descer e ver com os próprios olhos, o pessoal tem uma visão superficial da PSR (EDUCADORA SOCIAL DO CENTRO POP).

Não. Ainda falta muita coisa, falta melhoria nos prédios, mais profissionais, condições de trabalho. Falta lugar para eles dormirem porque atualmente é de quem chega primeiro. Mais recursos para alimentação. Porque muita gente fica sem se alimentar. Aqui só almoça [sic] os 20 que chegarem primeiro e vejo os outros pedindo e fico triste com isso. Mais recursos seria o ideal (PEDAGOGA CENTRO POP).

Não. A meu ver não tem sido suficiente, porque as outras políticas não estão preparadas nem orientadas para trabalhar com PSR, a gente faz encaminhamento para a saúde e quando o usuário chega acaba sendo destrutado, como já aconteceu. Encaminhamos um usuário para fazer uma cirurgia no pé dele, ele era diabete [sic], já iam marcar a operação dele, aí quando perguntaram onde ele morava, ele disse que estava na rua, aí a pessoa responsável falou “ah, está em situação de rua, então pode esperar”. Por quê, que ele pode esperar? Pelo contrário, ele não podia esperar, quando vai a uma escola é visto com outros olhos, na saúde também, tem a questão do preconceito em todo canto que vai. Se não fosse a assistência, a PSR estava meio sem caminho. Se não fosse o equipamento em que a gente trabalha, fazendo articulação com as outras políticas, acho que eles não teriam oportunidade (ASSISTENTE SOCIAL CENTRO POP).

Não é suficiente, mas alguma coisa está sendo feito atualmente. O novo Secretário da SETRA, ele mostra ter boa vontade e empenho a melhorar, ou um olhar a esse público, mas é preciso que se tenha mais, porque a demanda aumentou. Com o projeto Novos Caminhos, o Secretário afirmou com o Prefeito 200 vagas de empregos através desse projeto para PSR (PSICÓLOGA CENTRO POP).

Através das fala das profissionais, podemos notar uma fragilização do sistema. Há uma deficiência no que se refere às políticas públicas; elas existem, mas não dão conta da demanda existente. Há também uma limitação em trabalhar com as políticas públicas em Fortaleza. O profissional muitas vezes se sente de mãos atadas e, podemos perceber que eles retratam as contradições que cercam o sistema público.

Com a fala da educadora, notamos que há uma contradição com as últimas contagem dessa população, se comparamos com o número de cadastros da instituição e até mesmo da unidade do centro que se encontra fechada no momento. Será possível perceber que esse público é bem maior do que o estimado. Essa contradição prejudica a criação de mais políticas públicas voltadas para esses indivíduos, bem como a de novas unidades de acolhimentos, por ter como base um público bem menor que o real.

Através da fala da pedagoga, podemos notar a falta de melhorias institucionais e a falta de mais profissionais para executar o trabalho, bem como também as condições de trabalho. A assistente social também fala da falta de preparo das outras políticas públicas em atender os sujeitos, que muitas vezes são vítimas de preconceito e discriminação. A assistência social tem uma contribuição importante em fazer a intermediação entre os sujeitos e as outras políticas. Como a mesma retrata em sua fala, “se não fosse pela assistência social, a população em situação de rua estaria sem caminho”. Já a psicóloga fala do projeto Novos Caminhos, que será ofertado aos sujeitos em situação de rua, a partir da inserção dos mesmos no mercado de trabalho, com a abertura de 200 vagas de empregos ofertadas pela Prefeitura de Fortaleza.

Conversar com os profissionais foi para mim, como pesquisadora e acadêmica de serviço social, muito importante, para entender a atenção junto a esse público que traz muitas demandas e mexe com questões muito profundas. Como no fato narrado por uma profissional da instituição, psicóloga que há 11 meses trabalha no Centro Pop. Em outra instituição, ela declarou que já trabalhou com esse público e detalhou um fato que lhe marcou muito no decorrer desses meses em que vinha trabalhando no Centro Pop.

Ela relatou que, uma vez em que passava na rua, ela e outra profissional foram falar com uma usuária que ela atendia, que estava na rua, mas, na visão dela, se via em uma casa muito bonita. Quando as profissionais se aproximaram dela, ela disse “entrem, venham conhecer minha casa, vejam como o jardim é bonito”. Ela estava na rua, mas já se imaginava em uma casa. “Parecia que era real a cena, a reação dela me marcou muito” declarou a psicóloga muito emotiva com esse fato.

Através desse relato da psicóloga, podemos notar que a pessoa em situação de rua tem sonhos e perspectivas, apesar das privações, como não ter um local pra dormir, tomar banho, alimentar-se de forma adequada e ainda ter onde guardar seus pertences. Além disso, há a perda dos vínculos familiares, comunitários e sociais. Mas a rua não tira de dentro de cada sujeito o desejo de ter uma vida melhor, de se socializar novamente.

Outro relato que chamou minha atenção foi o da coordenadora da instituição, que declarou que vários fatos que ocorrem na instituição marcam os profissionais. Contudo, houve uma situação que lhe marcou muito e mexeu com seu emocional: foi o momento em que uma usuária precisou fazer uma desintoxicação, sendo em seguida encaminhada para o acolhimento com a filha dela (ela não tinha com quem deixar a filha e teve que acionar o conselho tutelar):

Aquela cena do conselho levando a criança, tomando dos braços da mãe porque a mãe não tinha um familiar pra deixar a criança, e correndo o risco de nunca mais ter aquela criança, porque ela estava em situação de rua e não tem nem um projeto de vida, nem moradia, nem emprego, nem nada. Foi a cena mais triste que vi até hoje. Uma bebê de 6 meses e as duas chorando foi triste demais a cena, me recordo com muita tristeza (Coordenadora do Centro Pop).

Esse fato não fragilizou apenas a profissional, mas mim mesma como pesquisadora, ao abordar um tema que reflete as causas da questão social. Fragiliza-me também saber que as políticas públicas atendem a um terço dessa população e que há muito a ser feito. E os profissionais se sensibilizam ao ver tantas questões envolvidas de violação de direitos no cotidiano do trabalho. É oportuno destacar que as entrevistas com esses profissionais foram de grande relevância para a compreensão desta pesquisa, para uma melhor compreensão sobre o que é o trabalho no Centro Pop, as demandas e as dificuldades encontradas, e o trabalho profissional.

No campo desta pesquisa, foi possível notar as questões impostas pelos profissionais, onde é perceptível a fragilização institucional. Vale ressaltar que o Centro Pop é um apoio necessário para quem se encontra em situação de rua, e que o equipamento é uma conquista da PSR, pois sem os serviços ofertados pelo Centro Pop, como seria a vida desses sujeitos, que se encontram vulneráveis, com os direitos violados? Certamente, vivendo da pior maneira possível.

A seguir, traremos o principal capítulo, no qual veremos as narrativas pessoais dos usuários do Centro Pop sobre como chegaram à situação de rua. Suas histórias reais sobre a vida nas ruas, compartilhadas no campo deste estudo, permitirão a compreensão das perspectivas pessoais dos sujeitos.

#### 4. AS NARRATIVAS DOS USUÁRIOS DO CENTRO POP SOBRE A VIDA NAS RUAS

(..) Eu me chamo de excluído como alguém me chamou,  
 Mas pode me chamar do que quiser seu dotô,  
 Eu não tenho nome, eu não tenho identidade,  
 Eu não tenho nem certeza se eu sou gente de verdade  
 Eu não tenho nada, mas gostaria de ter,  
 Aproveita seu dotô e dá um trocado pra eu comer...  
 Eu gostaria de ter um pingão de orgulho,  
 Mas isso é impossível pra quem come o entulho  
 Misturado com os ratos e com as baratas  
 E com o papel higiênico usado nas latas de lixo,  
 Eu vivo como um bicho ou pior que isso  
 Eu sou o resto, o resto do mundo,  
 Eu sou mendigo, um indigente um indigesto,  
 Um vagabundo  
 Eu sou... Eu não sou ninguém  
 Gabriel O Pensador.

##### 4.1 “Viver nas ruas não é bom”: A chegada e a vida nas ruas de Fortaleza

O trabalho de campo é uma parte muito importante da pesquisa. Para mim, foi uma experiência incrível. Poder vivenciar um pouco da vida dos sujeitos e eles compartilharem comigo as suas histórias, fatos pessoais e importantes para eles, foi um processo gratificante. Minayo destaca a importância do trabalho de campo destacando que:

O trabalho de campo é, portanto, uma porta de entrada para o novo, sem contudo apresentar essa novidade claramente. São as perguntas que fazemos à realidade, a partir da teoria que apresentamos e dos conceitos transformados em tópicos de pesquisa que nos fornecerão a grade ou a perspectiva de observação ou compreensão. Por tudo isso, o trabalho de campo, além de ser uma etapa importantíssima da pesquisa, é o contraponto dialético da teoria social (MINAYO, 2009, p.76).

Através da pesquisa de campo realizada no Centro Pop, pude compreender como os sujeitos chegaram às ruas, e observei que, entre os relatos e as entrevistas realizadas no local, as maiores queixas dos sujeitos eram a desavença familiar, seguida pelo uso de drogas e pelo desemprego.

Teve alguns casos em que os sujeitos saíram de casa por causa das drogas, por a família não aceitar aquela vida de drogadição e rejeitar a prática, de modo que os sujeitos foram obrigados a fazer uma escolha: deixar o uso de drogas ou sair de casa. Muitos não conseguem parar sozinhos, e preferem viver nas ruas do que no convívio familiar. Os relatos dos usuários foram importantes para a construção deste capítulo, que será todo fundamentado em fatos reais de pessoas que manifestaram o desejo de participar da pesquisa.

Para entendemos melhor os motivos de tantas pessoas vivendo em situação de rua, veremos a compreensão de Silva (2006) sobre essa temática. Ela compreende que os fatores que conduziram as pessoas a estarem nas ruas são: a ruptura dos vínculos familiares, falta de moradia, a precarização do trabalho e de forte impacto social. Silva destaca ainda que:

Os fatores mais enfatizados pela literatura contemporânea são as rupturas dos vínculos familiares e comunitários, a inexistência de trabalho regular e a ausência ou ineficiência de renda, além do uso frequente de álcool e outras drogas e problemas atinentes às situações de desabrigo. Certo é que o fenômeno não se explica a partir de um único determinante. Entretanto, existem fatores que se destacam no conjunto dessas determinações. Podem ser fatores típicos de determinadas localidades ou épocas específicas. Mas as causas estruturais desse fenômeno vinculam-se à estrutura da sociedade capitalista, e sua produção e reprodução vinculam-se aos processos imanentes à acumulação do capital, no contexto da produção contínua de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva, excedente a capacidade de absorção do mercado de trabalho no capitalismo (Silva, 2006, p.82).

Assim como Silva compreende os fatores que foram determinantes e que contribuíram com o fenômeno população em situação de rua, fazendo uma ligação com a sociedade, capitalismo e acumulação do capital, nesse mesmo contexto veremos, através de relatos de pessoas que vivenciam o desafio de viver nas ruas, os fatores destacados pela autora.

Para compreendemos o assunto exposto, traremos a realidade propriamente dita por parte dos usuários do Centro Pop de Fortaleza, localizado no bairro Benfica. Esses relatos ressaltam a dura realidade de quem vive em situação de rua. Entrevistei Talita, uma jovem de 20 anos, natural de Fortaleza. A mesma relatou que saiu de casa por desavenças familiares:

Saí de casa porque brigava muito com minha madrasta. Eu morava com ela, meu pai e meus irmãos. Quando saí de casa, tinha 16 anos, fiquei 4 anos na rua, hoje estou em uma casa porque minha mãe, que mora em São Paulo, manda o dinheiro do aluguel, por conta do meu filho de um ano e quatro meses, não posso ficar na rua com ele (Talita, usuária do Centro Pop).

Talita declarou que, se não fosse pelo filho, ainda estaria na rua. A mesma declarou que recebe o benefício Bolsa Família, manifestando o desejo de ter uma casa própria para viver com o marido que conheceu nas ruas e o filho do casal.

Outro usuário a quem entrevistei foi Guilherme, 31 anos, natural de Fortaleza. O mesmo declarou que está nas ruas devido à separação dos pais e ao uso de drogas, e que há 8 anos vive nas ruas. Ele relatou que “viver nas ruas não é bom, as pessoas têm preconceito com quem vive nas ruas, e ainda não ter onde fazer as necessidades e nem um local pra se alimentar é muito ruim”. Outra entrevista foi com a senhora Sandra, de 45 anos, que informou que:

Vim parar nas ruas devido ao uso de drogas; há onze meses estou nas ruas, e abandonei o curso de direito que cursava na Universidade Federal do Ceará, era o sonho do meu pai que me formasse em Direito, e também abandonei a família. Já faz seis meses que não uso drogas, meu companheiro me dá muito apoio, foi quem me ajudou a sair do vício (Sandra, usuária do Centro Pop).

Podemos notar que a entrevistada foge dos padrões do que se espera de uma pessoa em situação de rua, pois, em tese, a mesma vem de uma família bem estruturada e com boas condições financeiras. Ela mesma declarou que seu pai, já falecido, era defensor público, e que seus irmãos são formados. No entanto, as drogas acabaram a levando à situação de rua. Para Sandra, viver nas ruas é ruim, por enfrentar muitas dificuldades. Seria pior ainda se não tivesse os serviços do Centro Pop, Irmã Inês e do CAPS, onde ela é atendida. Ela considera essas instituições muito importantes para sua ressocialização.

Entre uma entrevista e outra com os usuários, parava um pouco para observá-los. Escutava muitas histórias entre eles e muita discussão sobre vários assuntos. Na recepção, onde todos aguardavam para ser atendidos, tínhamos um local de descontração entre eles. Numa dessas conversas, um jovem perguntava ao outro há quanto tempo ele estava na rua. Ele responde “sete anos”. O rapaz que perguntou se admirou e disse:

Nossa! Esse tempo todo! Eu estou há uma semana e estou louco por um local para dormir, imagino você? Não me importo de perder a vaga na pousada social para alguém assim como você, que está há muito tempo na rua. Só não aceito perder para quem está com menos tempo que eu na rua (Usuário do Centro Pop).

Depois da conversa entre os dois usuários do Centro Pop, percebi que entre eles existia uma espécie de experiência na rua, pois quem está há mais tempo merece respeito por parte dos novatos. Também há aqueles que não querem ficar muito tempo na rua. Ouvi de outro usuário, sussurrando baixinho “como pode alguém ficar tanto tempo na rua? E não fazer nada para sair dela, eu já estou doido pra sair e só estou com meses”.

No campo da pesquisa, pude compreender as questões que norteiam esses sujeitos. O fato de estar na rua não os torna vagabundos e desordeiros, tem muita gente boa na rua. Gente que trabalha, que tem sonhos, que acredita que tudo vai melhorar. Como o senhor Fernando,

de 51 anos, natural de Aracati, que declarou que há um ano vive nas ruas. Ele foi parar nas ruas depois que perdeu seu emprego na construção civil, e não teve mais como pagar um local para ficar. Ele afirmou que fica sempre na Praça do Ferreira, porque lá recebe ajuda de pessoas que doam comida e roupas. Ele recebe uma pequena ajuda do governo através do benefício Bolsa Família.

Assim como o senhor Fernando, existem outras pessoas que não têm condições de pagar um lugar para ficar, sujeitando-se a viver ao léu, sem rumo, sem teto, sem nada, só com suas histórias e lembranças de uma vida que tiveram longe da rua.

Continuei as entrevistas e pude entrevistar Marina, de 47 anos, natural de São Paulo. A mesma relatou que há 4 anos vive na rua, que foi parar lá devido à falta de emprego e conflitos familiares, que aqui em Fortaleza só tem uma filha. Mas não se dá bem com o genro, por isso prefere viver nas ruas. A mesma relatou que:

O Centro Pop é uma ajuda muito grande, é essencial para quem mora na rua. E com o fechamento do Centro Pop centro, as coisas ficaram pior [sic], pois o Benfica fica longe para quem dorme na Praça do Ferreira. E tudo se torna muito complicado para o morador de rua (Marina, usuária do Centro Pop).

Assim como Marina e o senhor Fernando, que frequentavam a unidade do Centro Pop no centro, com o seu fechamento ficou distante para eles se deslocarem até o Benfica, porque é preciso chegar muito cedo para garantir o almoço (são servidas apenas 20 refeições e, se houver necessidade, podem chegar a 25 refeições, no caso de prioridades). Alguns usuários já dormem em frente ao Centro Pop, para garantir o lugar na fila. Para garantir o almoço, eles têm que participar das oficinas (no caso, há 20 vagas), o que é um verdadeiro absurdo, pois alguns usuários dividem seu almoço com outros que não consegue chegar entre os 20 primeiros (eu os ouvia dizerem que tinham dividido o almoço com outro colega, para ele não ficar com fome. Isso me fragilizou bastante).

Em outra entrevista, conversei com Carlos, 46 anos, natural de Juazeiro, que há 31 anos vive na rua. O mesmo relatou que foi parar na rua devido aos conflitos com sua mãe. Definiu-a como louca e a culpa pelo fato de estar na rua, devido aos maus tratos que sofreu dela. O entrevistado diz:

Minha mãe é uma louca, sempre foi. É triste dizer isso, mas é a pura verdade. Ela sempre me bateu muito desde criança, e até hoje ainda me trata mal. Passo um bom tempo sem vê-la, e quando vou até Juazeiro, onde mora com meus filhos, ela nem se importa com minha presença, tanto faz eu ir como não, ela nem liga pra mim. Só vou por causa dos meus filhos (Carlos, usuário do Centro Pop).

Apesar de viver na rua esse tempo todo, Carlos declarou que não gosta de estar na rua, justamente por enfrentar muitas dificuldades. Ele diz que, ao longo dos anos na rua, já passou por muitas situações que o tornaram mais forte e experiente. Entre os intervalos das entrevistas, novamente fui abordada por um rapaz, já tinha o visto ali por outras vezes. Notei que ele não era de muita conversa, não o via conversando com os outros usuários, sempre calado e apressado. Eu esperava um momento certo para me aproximar dele. Esse momento chegou, avistei-o de longe, ele estava sentado bem na entrada. Então fui aos poucos chegando perto dele e parei bem ao seu lado, já pensando como ia iniciar uma conversa com ele.

De repente ele mesmo me indagou, “moça você sabe como faço para fazer música?” Então perguntei como era seu nome. Ele me respondeu “José”. Falei para ele: “você tem vontade de fazer música?”. Ele me disse que sim. Então perguntei até que série ele tinha estudado, e ele disse que nem tinha terminado o fundamental. Então expliquei como ele poderia chegar a cursar música e falei que ele poderia cursar o supletivo, terminar o fundamental e depois o médio. Ele se interessou pelo assunto e perguntou se não ia pagar nada. Quando disse que o governo oferece ensino gratuito e que ele poderá até cursar música sem pagar nada, ele ficou muito alegre com a informação e disse que iria providenciar seus documentos e tentar estudar, e que iria recomeçar.

José estava no Centro Pop para ser atendido, pois precisava tirar sua documentação e queria se inscrever nos cursos do projeto Novos Caminhos, ofertados pela prefeitura. Ele trabalha como flanelinha vigiando carros. Fiquei muito feliz em saber que aquele jovem não perdeu seus sonhos, que a rua não lhe tirou isso, mesmo vivendo uma vida difícil, não perdeu a esperança de mudar de vida e recomeçar.

Retomei as entrevistas e abordei o senhor Ricardo, de 43 anos. O mesmo informou que há 6 meses viveu nas ruas, devido à perda do trabalho e por conta de conflitos familiares. Ele declarou não ter contato com seus familiares, nem procura saber de nenhum deles. Ricardo mostrou estar muito magoado com seus familiares e não quis revelar o motivo, só disse não ter apoio de ninguém, estava só no mundo. Então respeitei a vontade dele e mudamos de assunto.

A última entrevista foi com a jovem Ana, de 26 anos. Ela relatou ter ido parar nas ruas devido a conflitos familiares e à falta de emprego. Está de volta às ruas há um mês. Disse que tinha alugado um local pra morar com o companheiro, mas por falta de dinheiro tiveram que sair e voltar pra rua. Declarou ainda que, depois que sua mãe adotiva faleceu, as coisas

pioraram para ela. A mesma informou não conhecer sua mãe biológica e não se dar bem com seus irmãos adotivos.

#### **4.2 “A rua ensina a viver”: relatos sobre a vida nas ruas de Fortaleza**

A partir das declarações dos usuários do Centro Pop, poderemos entender como a vida na rua é difícil e como as dificuldades vividas por eles são muitas. Para a maioria dos usuários que cheguei a entrevistar, e até mesmo aqueles com quem conversei em particular, pude notar uma certa tristeza nos relatos. Nenhum deles afirmou que gostava de viver nas ruas, não ouvi ninguém falar que a vida na rua é uma coisa boa. Pelo contrário, todos com que tive uma aproximação queriam mudar a sua condição de vida. Perguntei para eles: quais as dificuldades enfrentadas por vocês na rua?

Talita declarou que morou por 4 anos nas ruas: “Foi muito ruim morar na rua, devido viver ao relento, levando chuva e sem local pra dormir”. Talita relatou que sobreviveu esse tempo na rua porque tinha o apoio do seu companheiro, que é o pai do seu filho, e que ele sempre fazia alguma coisa para arranjar dinheiro, trabalhava como flanelinha. A mesma tem contato com sua família por telefone, sua tia, avó e mãe, que moram em São Paulo. Hoje ela mora em uma casa alugada, porque a mãe manda o dinheiro do aluguel. Depois que seu filho nasceu, ela viu que não dava mais para viver na rua. Ela informou que o Centro Pop é um apoio para ela e que, apesar de estar morando em uma casa, ainda precisa dos serviços da instituição, pois o que seu companheiro ganha não é o suficiente para sobreviverem, nem o que recebe do Bolsa Família. Ela participa das oficinas juntamente com o filho.

Sobre a sobrevivência nas ruas, Guilherme informou que faz tatuagem de rena quando aparecem oportunidades e que vende chaveiros na Beira Mar. Ele também relatou que, antes, gastava todo o dinheiro que ganhava com drogas. Afirmou ainda que não é mais tão dependente das drogas como antes e que consegue ficar sem usá-las. Acha ele que já está “enjoando de tanto ter usado”. Ele informa que há 11 meses não usa o crack, só maconha. Recebe o benefício Bolsa Família e tem muita vontade de sair das ruas e ter uma moradia. Para ele, o Centro Pop é o apoio de que ele precisa, onde encontra ajuda.

Outra entrevistada foi Sandra. Para ela, o fato de ser mulher torna ainda mais difícil a vida na rua. Ela define como é a vida na rua: “Nas ruas encontramos muitas dificuldades, como a falta de respeito, o machismo e, por ser mulher, as dificuldades aumentam. Mas a rua ensina a viver e aprendemos a dar valor às coisas da vida”. A mesma informou que tem contato com sua mãe apenas, pois seus irmãos não querem nem saber dela. Sua atividade é

vender água no sinal com seu companheiro que conheceu na rua. Recebe o benefício Bolsa Família. Ela também informou que conheceu o Centro Pop através de uma pessoa que também mora na rua e encontrou na instituição o maior apoio de que precisava para se sentir como gente e condições de tornar uma cidadã.

Outro entrevistado relatou que o preconceito foi visto de perto por ele. O mesmo se mostrava revoltado. Para ele, o fato de estar na rua não o torna um marginal, como muitos pensam. Fernando declara que:

Sou um trabalhador e não “vagabundo”, vivo nas ruas por não ter um emprego. Mas na rua somos mal visto [sic], e mal recebido nos locais, até na igreja já sofri preconceito. Fui chamado de vagabundo, isso me doeu muito. Não é porque estou na rua que sou marginal. Morador de rua merece respeito também (Fernando, usuário do Centro Pop).

O dilema vivido por Fernando é também o de muitas pessoas que vivem na rua. Ser mal visto e julgado apenas pelo fato de não estar bem vestido é um estereótipo que prevalece na sociedade e, em Fortaleza, isso não é diferente das outras capitais do Brasil. O preconceito precisa ser desconstruído da mente de toda sociedade brasileira.

Para Marina, viver nas ruas não é fácil. Ela relata que “viver nas ruas é horrível, é muito cansativo, as dificuldades são muitas e se torna pior quando o Centro Pop está fechado”. Marina tem contato com sua filha, que sempre a chama para ir morar com ela. Mas por não se dar bem com o genro, prefere não ir. A mesma também relatou que usa os equipamentos do governo, que só depende do governo. Recebe o benefício Bolsa Família e está inscrita no Minha Casa, Minha Vida, e que tem muita vontade de ter uma casa.

Já o senhor Carlos está nas ruas há 31 anos, e não gosta dessa situação, por enfrentar muitos desafios, como medo, má alimentação e não ter onde guardar os pertences. Ele tem contato com a mãe e os dois filhos já adultos que moram com ela, devido ao falecimento da mãe deles, que era usuária de drogas, o que ocasionou a morte dela. Há 20 anos, ele tem trabalhado como flanelinha e vigia de carros em um ponto fixo, e disse que é bastante conhecido na área. Não recebe nenhuma ajuda do governo. Tem uma companheira que conheceu nas ruas e conseguiu tirá-la das drogas, e hoje ela lhe ajuda vendendo água no sinal.

A vida de quem vive na rua é conturbada. Os sujeitos se deslocam o tempo todo de um lugar para outro, indo em busca de refúgio, e muitos deles formam grupos e se aglomeram em vários locais da cidade, como praças, viadutos, terrenos baldios, portas das igrejas, lugares que se tornam abrigo para eles. Os homens, em sua maioria, trabalham vigiando carros. Outros juntam material reciclado para garantir uns trocados.

Ricardo relatou que as dificuldades nas ruas eram o medo, a falta de alimentação e não ter onde dormir. Declarou que sempre dormia na rua próximo ao Centro Pop. Atualmente ele vive com ajuda do governo, do benefício Bolsa Família e do aluguel social que recebe para pagar o aluguel da casa em que mora há 6 meses. Recebe ainda uma ajuda pelo curso de capacitação que ele faz do projeto Novos Caminhos. Ricardo informou já está no segundo curso, que já tinha feito de jardinagem e agora está fazendo de manutenção de praças. Ele acredita que com esses cursos poderá entrar no mercado de trabalho. O mesmo relatou não ter nenhuma atividade remunerada no momento.

Para Ana, “viver na rua é triste porque não se sente bem, é muito perigoso [sic] a vida na rua”. Ana declarou não ter contato com a família, pois a mãe adotiva faleceu, e sua mãe biológica é viva, mas não a conhece. Ela vive de ajuda que pede na rua e recebe o benefício Bolsa Família. Tem muita vontade de ter um lar para morar, porque é muito ruim morar na rua. Ela informou que conheceu o companheiro dela na rua e há três anos vivem juntos. Ele faz alguns bicos para viver, mas o vício do marido pela bebida atrapalha a vida deles. Ela informou que pede ajuda para sobreviver e vive dessas doações.

Com os relatos dos sujeitos, podemos notar que a maioria recebe o benefício Bolsa Família, um dos mais procurados. Apenas um usuário não recebia nenhum tipo de ajuda do governo. Refiro-me apenas aos usuários que estavam na instituição nos dias em que estive em campo, de modo que cerca de 90% deles responderam que recebiam benefício social, e os que não estavam recebendo estavam lá para realizar o cadastro único para inclusão no programa.

Alguns usuários informaram que não recebiam o benefício por falta de documentação, por terem problemas com a justiça, por isso não podiam retirar os documentos e, assim, tinha dificuldades em acessar o benefício. Em seguida, o benefício de locação social e o programa Minha Casa, Minha Vida também eram muito acessados por eles, bem como os cursos do projeto Novos Caminhos. Esses se tornam os que têm mais frequência na procura. Essas informações partiram dos próprios usuários, no momento da acolhida, sempre que eu perguntava para que era o atendimento e eles me informavam.

No próximo item veremos as perspectivas de futuro dos sujeitos, quais seus sonhos, se os mesmos têm projetos para suas vidas. Mostraremos os relatos deles sobre o assunto abordado no que se refere às perspectivas pessoais dos sujeitos e planos de futuro.

### 4.3 “Eu quero ser feliz com meu filho feliz”: o que esperar do futuro?

Ao entrevistar os sujeitos, pude compreender que todos têm sonhos e esperam um dia realizá-los. Isso era claro: que todos já sabiam desenhar seu futuro. Não precisava nem repetir a pergunta, todos logo respondiam. Perguntei para eles quais os planos para o futuro e suas perspectivas, e a maioria respondeu com entusiasmo, como se tivesse certeza de que um dia suas vidas mudariam para melhor. Quando fiz a pergunta à Talita, ela respondeu “ser feliz, ver o meu filho feliz, que ele consiga estudar e ser alguém na vida, só isso que quero”.

Já para Guilherme, seu sonho é ter um futuro melhor. “Dar uma vida melhor pros meus dois filhos que moram com a mãe deles. E viver uma vida mais tranquila.” À mesma pergunta Sandra respondeu com muito entusiasmo:

Sair das ruas e ter uma casa para morar, continuar vivendo com meu companheiro que conheci nas ruas e recuperar a guarda dos meus filhos. Reaproximar da minha mãe e dos meus irmãos e nunca mais ter recaída (Sandra, usuária do Centro Pop).

Sandra estava no Centro Pop esperando ser atendida, pois a mesma precisava retirar sua documentação, e também revelou que queria se inscrever no programa Minha Casa, Minha Vida. Ela relatou que precisa de uma casa urgente, para recuperar a guarda dos filhos que moram com o pai que, segundo ela, é usuário de drogas. Vejamos que outras pessoas que vivem na mesma condição que ela e têm o mesmo sonho de ter uma casa para morar:

Meu maior sonho é ter um trabalho e ter uma vida digna e sair das ruas o mais rápido possível. Ter o meu canto pra ficar, já não suporto mais essa situação em que estou. Vou sempre de um canto para outro procurando um local, mas não encontro. Vou à igreja, na SETRA já fui várias vezes. Vou à defensoria pública, venho sempre aqui no Centro Pop procurar ajuda dos profissionais. O Centro Pop tem sido uma ajuda por parte do governo (Fernando, usuário do Centro Pop).

Tenho muita vontade de ter minha casa, é o meu sonho, já me inscrevi nesse programa, tô confiante que vou conseguir receber minha casa e sair das ruas, é o que mais quero. Com uma casa para morar, mesmo que não arranje um emprego, posso fazer salgados e vender, sei fazer, já trabalhei com isso (Marina, usuária do Centro Pop).

O meu desejo é ter um lar, assim como todo ser humano. E sair das ruas e reconstruir a vida e recuperar o tempo perdido. Pois já estou cansado de viver nas ruas, afinal já foram muitos anos, quase a minha vida toda (Carlos, usuário do Centro Pop).

Para o futuro, eu quero conseguir um emprego e ter minha casinha e voltar a frequentar uma igreja, pois estou afastado, eu era evangélico, mas vou voltar se Deus quiser. Quem sabe também arranjar uma esposa (risos) e um trabalho, se não, como vou sustentar a mulher, né? (Ricardo, usuário do Centro Pop).

Para o futuro, tenho o sonho de ter uma casa, para viver com meu marido, já me inscrevi no minha casa minha vida, só falta esperar e ter fé que vai acontecer. Queria muito ter dinheiro, ter filhos e fazer cursos para arranjar um trabalho. O Centro Pop é maravilhoso, é todo apoio que tenho no momento (Ana, usuária do Centro Pop).

Através dos relatos dos usuários, podemos notar que o sonho de quem vive na rua é ter o seu próprio cantinho para viver. Como podemos ver nos relatos, a situação de rua não é aceitável para todos que vivem nela, e os usuários que entrevistei falaram do desejo de sair das ruas e de ter uma vida digna, como todo ser humano. O sonho da casa própria, através das políticas públicas, é um desejo manifestado por eles. Pude notar que eles já conheciam as políticas disponibilizadas para eles.

A população em situação de rua vem tendo conhecimento dessas políticas e cada vez mais tem aumentado a procura por elas. Os relatos dos sujeitos nos mostram que eles querem mudar sua condição de vida, pois não perderam a esperança de ter uma vida melhor e de reconstruir suas famílias. Sem dúvidas, a maioria tem o sonho de ter uma casa e viver com sua família, bem como de restaurar os vínculos rompidos que, muitas vezes, ocasionaram a ida deles às ruas. A rua não tirou dessas pessoas o direito de sonhar, o direito de desejar um futuro melhor.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber que viver na rua não é nada fácil, e entender as questões que levaram os sujeitos a essa condição é desafiador. Através deste estudo, pudemos conhecer as questões que norteiam os sujeitos da pesquisa. Desse modo, o trabalho de campo foi essencial na aproximação com os sujeitos, tendo em vista uma melhor compreensão da questão que os envolve e, em paralelo a isso, entrevistar os profissionais foi ainda um fator de grande importância e gratificação, pois possibilitou ao pesquisador compreender o trabalho profissional na efetivação de direitos.

O Estado tem um conjunto de ações direcionando as pessoas em situação de rua. Embora esses equipamentos sejam de grande relevância, através dos relatos de campo foi possível perceber que as políticas e, especialmente, o Centro Pop, não atendem à demanda. Foi possível observar, nos relatos dos profissionais, a angústia em ter que selecionar, entre os necessitados, aqueles mais necessitados. A tensão dos profissionais de não poder realizar o trabalho como deveriam e as dificuldades constantes no cotidiano do trabalho são um fator agravante.

Além disso, os relatos dos usuários apontam os motivos que os levaram a viver em situação de rua, e que são variados. Podemos destacar os conflitos familiares como o mais citado por eles, pois o rompimento dos vínculos familiares tem sido uma questão comum entre os sujeitos, o que ocorreu na maioria dos casos deste estudo. Em seguida, o uso das drogas tem sido um dos fatores que contribuiu com o aumento de pessoas nas ruas, pelo fato da família não aceitar mais conviver com a vida de drogadição do sujeito, o que acaba levando-o às ruas. O desemprego tem sua parcela de contribuição, como nos relatos que acompanhamos dos sujeitos (como foi citado, o fato de não ter como pagar um local pra ficar, por conta do desemprego, também colabora para a situação de rua). E o mercado de trabalho não absorve aquele trabalhador, pelo fato de não ter um domicílio como referência e viver em situação de rua.

Com esta pesquisa, foi possível também perceber as perspectivas pessoais dos sujeitos e quais os seus planos para o futuro, mesmo rodeados de dificuldades no cotidiano. Pode-se notar que os sujeitos não perderam seus sonhos e a esperança em dias melhores. Apesar da população em situação de rua enfrentar mais um desafio chamado preconceito, o fato de viver nas ruas muitas vezes fecha as oportunidades, por conta do estereótipo que cerca a sociedade, de que morador de rua “é tudo vagabundo e marginal”.

É válido ressaltar que não é pretensão deste estudo apontar soluções para as dificuldades encontradas, tanto pelos profissionais da instituição no exercício do seu trabalho, quanto por parte dos usuários do Centro Pop. No entanto, pretendemos mostrar com esta pesquisa a realidade de quem vive na rua, o que os levou a essa situação, as políticas que vão ao encontro das necessidades deles e as perspectivas pessoais dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Maria Elaene R.; CAMPOS, Irenice de O. – a construção da Assistência Social como política de direito. In: ALBUQUERQUE, Cynthia S.; ALVES, Maria Elaene R. (orgs) **Assistência Social em Fortaleza: uma política de direito em construção**. Fortaleza: Ed. Uece, 2012.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3.ed.São Paulo: Cortez, 2011

BRASIL. Brasília-DF: MDS; **Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação**, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Assistência Social. Política Nacional de Assistência Social (PNAS). **Resolução nº 145, de 15 de outubro de 2004**. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome: Conselho Nacional de Assistência Social: **Portaria 269-2006**. Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS. Secretaria Nacional de Assistência Social-SNAS. **Política Nacional de Assistência Social-PNAS/2004 e Norma Operacional Básica-NOB/SUAS**. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado para população em situação de rua – Centro POP**. Volume 1, 2 e 3. Brasília, 2009. Fonte: Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) publicado em 11/08/2015 16h57

\_\_\_\_\_. O caminho do reconhecimento dos direitos da população em situação de rua: de Indivíduo à população. In: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: **Aprendendo a contar**: Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Decreto nº 7.053, 23 de dezembro de 2009**. Instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR). Brasília, 2009.

BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua**: Nômades, excluídos e viradores. Brasília: Garamond, 2000, P.65-66

CADASTRO ÚNICO. Disponível em: < <http://mds.gov.br/assuntos/cadastro-unico/> > Acesso em: 20 de Nov.2016

CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da questão social**. Uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 2008, P.51

CENTRO POP. Disponível em: < <https://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/categoria/social/servico/24/> > Acesso em: 17 de Nov. de 2016

CHIZZOTTI, A **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo /SP: Cortez, 1991.2010 P.77.

GIORGETTI, Camila. **Moradores de rua: uma questão social ?** São Paulo: FAPESP, EDUC, 2006.

GIL, **Como elaborar Projeto de Pesquisa** 5 ed. São Paulo/SP editora atlas,2010 p.30

HAGUET, **Metodologia Qualitativa**, São Paulo/SP 5 ed. Editora, Vozes 1995 p.79

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil**: esboço de uma interpretação metodológica São Paulo: Cortez,2014

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: Trabalho e Formação Profissional. São Paulo: Cortez, 2010

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000027094608112016465930547699.pdf>> Acesso em 10 de fevereiro de 2017

LAKATOS, E Marconi, M. **Fundamento da Metodologia Científica**. 5º ed. São Paulo/ SP, Atlas, 2010. P.169

**LEIS MUNICIPAIS**. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/ce/f/fortaleza/lei-ordinaria/2015/1033/10328/lei-ordinaria-n-10328-2015/>>. Acesso em: 05 de março de 2017

**LEI Nº 16126 de 14/10/2016**. Disponível em < [http://www.normasbrasil.com.br/norma/lei-16126-2016-ce\\_330093.html](http://www.normasbrasil.com.br/norma/lei-16126-2016-ce_330093.html) > Acesso em 05 de março de 2017

MARX, **K.O capital**: Critica da Economia politica. São Paulo: Boitempo, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza(org.) **Pesquisa Social Teoria, Métodos e Criatividade**. Petrópolis: 2009 P.76

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde da população em situação de rua**. Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_populacao\\_situacao\\_rua.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_populacao_situacao_rua.pdf). Acesso em 17 de Abril de 2017

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Juventude: **Novo alvo de exclusão social**. In:

NATALINO, MARCO ANTONIO CARVALHO. **Estima da população de rua no Brasil**.<[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=28819&catid=390&Itemid=406/](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28819&catid=390&Itemid=406/). Acesso em 10 de abril de 2017

NOGUEIRA, Vanessa Saraiva. **Política Social: Pra quê e pra quem?** Uma análise crítica das intervenções com os moradores de rua em Fortaleza, Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009, 145 p.

OLIVEIRA, Iuri Natacha Vieira de. **Políticas Públicas para População em Situação de Rua**: a experiência da Secretaria Municipal de Assistência Social de Fortaleza. Fortaleza, 2013. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza 106 P.

PORTAL BRASIL. **Campanha busca garantir saúde para população de rua**. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/saude/2015/08/campanha-busca-garantir-saude-para-populacao-de-rua> > acesso em 17 de abril de 2017

PREFEITURA DE FORTALEZA. **População em situação de rua**. Disponível em: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/setra/populacao-em-situacao-de-rua/> Acesso em: 17 de Nov. de 2016

PREFEITURA DE FORTALEZA. **LEI Nº 10.328, DE 10 de abril de 2015**. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/ce/f/fortaleza/lei-ordinaria/2015/1033/10328/lei-ordinaria-n-10328-2015-redefine-o-programa-locacao-social-no-ambito-do-municipio-de-fortaleza-e-da-outras-providencias> > Acesso em 10 de Abril de 2017

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **DECRETO Nº 7.053 de 23 de Dezembro de 2009**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm) > Acesso em 18 de Abril de 2017.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **LEI Nº 8080, DE 19 de Setembro de 1990** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm) > Acesso em 18 de Abril de 2017.

PREVIDÊNCIA SOCIAL. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/servicos-ao-cidadao/todos-os-servicos/beneficio-assistencial-bpc-loas/>>. Acesso em: 17 de Abril 2017

QUEIROGA, Júnia. NOVO, Marina. In: Rua: **Aprendendo a Contar**: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília, 2009

SILVA, Maria Lucia Lopes. **Mudanças recentes no mundo do trabalho** e o fenômeno população de rua no Brasil 1999-2005 Dissertação de Mestrado.2006

SOUZA, Ricardo Oliveira. **Mágica da sobrevivência**: as práticas de assistência ao morador de rua na cidade de Fortaleza – possibilidades e limites. Fortaleza, 2008. Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 128 p.

**APENDICE A – Roteiro de Entrevista (Profissionais do Centro Pop)**

Nome:

Função:

- 1- Há quanto tempo você trabalha com pessoas em situação de rua?
- 2- Como é trabalhar com esse público?
- 3- Como é o cotidiano do seu trabalho?
- 4- Quais as principais demandas?
- 5- Quais as dificuldades encontradas no desempenho das atividades?
- 6- O que precisa melhorar em sua opinião?
- 7- Um fato que mais lhe marcou no decorrer do seu trabalho?
- 8- As políticas públicas tem sido suficientes? Dê sua opinião

**APENDICE B – Roteiro de entrevista (usuário do Centro Pop)**

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Grau de instrução:

- 1- Por qual motivo você foi parar nas ruas?
- 2- Há quanto tempo você está nas ruas?
- 3- Como é viver nas ruas? Quais as dificuldades e problemas que costuma encontrar?
- 4- Você tem contato com sua família?
- 5- Como você sobrevive nas ruas? Tem alguma atividade renumerada?
- 6- Recebe algum benefício do governo?
- 7- Você tem vontade de sair das ruas?
- 8- Você tem o desejo de ter uma moradia pra viver?
- 9- Quais seus planos para o futuro?
- 10- Como ficou sabendo do Centro Pop? E qual a importância da instituição para você?

**ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Declaro, por meio deste Termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada: Relatos e vivências dos usuários do Centro Pop do bairro Benfica em Fortaleza.

Desenvolvida por Alderli Lemos Vieira Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada por Virsangela Paula Sandy Mendes, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (85) xxxxxxxx. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) do objetivo geral, estritamente acadêmico, do estudo que, em linhas gerais, é Compreender os motivos que levaram as pessoas a estarem em Situação de Rua. Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa e que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu (sua) orientador (a). Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Assinatura do (a) participante:

---

Assinatura do (a) pesquisador (a):

---

Assinatura da testemunha:

---

**ANEXO B – Ofício Para Entrada Em Campo**

À Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social e Combate a Fome - Setra

Nesta,

Ao, Dr. Elpidio Nogueira Moreira.

Venho por meio deste, solicitar uma autorização para que a estudante do curso de Serviço Social, Alderli Lemos Vieira, portadora de RG N° xxxxxxxxxxxx, desenvolva uma pesquisa de campo no Centro Pop, para a coleta de dados de seu trabalho de conclusão de curso (TCC) cujo título provisório é: CONHECENDO A HISTORIA DE VIDA DOS USUÁRIOS DO CENTRO POP. A referida pesquisa tem como objetivos: Compreender os motivos que levaram as Pessoas estarem em Situação de Rua, com base nos fatos dos Sujeitos atendidos no Centro Pop. O mesmo estudo também busca; Conhecer como funciona a Rede de Proteção do Estado na Política de Assistência Social para Pessoas em Situação de Rua. E ainda também; Conhecer o Trabalho Desenvolvido pela Equipe Multiprofissional do Centro Pop. E Identificar nos Sujeitos em Situação de Rua às Expectativas Pessoais.

Fortaleza, 24 de Março de 2017.

Cordialmente,